

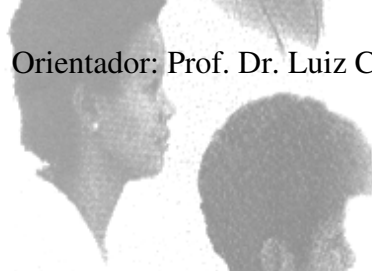
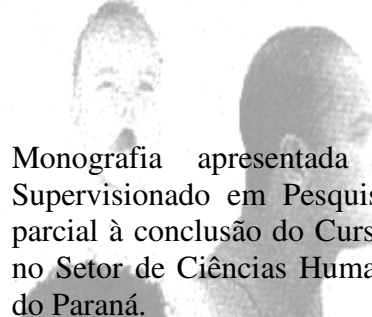
FERNANDA GONÇALVES MARÇOLA



Cana de Srinno Cardia para o CTD. Paratextos (1)eta.8

O QUE É CORDIALIDADE ?

- O conceito de cordialidade em Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre -



Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica, como requisito parcial à conclusão do Curso de Graduação em História, no Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro.

CURITIBA
2005

Dedico este trabalho a todas as pessoas que lutam por um mundo mais justo.

AGRADECIMENTOS

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram e acreditaram na realização deste trabalho.

Meu especial agradecimento a todas pessoas que ajudaram ativamente na construção de cada página deste trabalho:

Ao meu querido e admirável orientador

Luiz Carlos Ribeiro

Que acreditou, incentivou e apoiou a criação deste trabalho. Sem suas sugestões e orientação não se teria chegado aonde se chegou, obrigada.

Ao meu amado

Alexandre Franzes

Que sempre esteve ao meu lado, acreditando e incentivando. Sem seu companheirismo este trabalho não existiria.

Aos meus pais e irmãos

Francisco, Marisa, Ana Flávia e José Henrique

Que construíram os pilares para a realização deste trabalho. Sem este delicioso ambiente familiar não seria possível a realização deste trabalho.

A todos Professores, amigos e pessoas que contribuíram com a minha formação e para a reflexão que aqui apresentamos, meu muito obrigada.

“A democracia, no Brasil, ainda está por ser inventada.”

Marilena Chauí.

SUMÁRIO

RESUMO.....	VI
INTRODUÇÃO.....	07
CAMPO INTELECTUAL de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre na construção do conceito de Cordialidade	16
I – Posições que ocupam na sociedade	18
II - Posições que ocupam no campo intelectual.....	20
III - O habitus – o contexto.....	29
O CONCEITO DE CORDIALIDADE.....	32
em Sérgio Buarque de Holanda.....	33
em Gilberto Freyre.....	42
CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS.....	52
Fontes.....	52
Referências.....	52

RESUMO

Esta pesquisa analisa o conceito de cordialidade a partir de dois autores: Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, considerados os intérpretes da cultura brasileira por terem escrito na década de trinta “*Raízes do Brasil*” e “*Casa Grande & Senzala*” respectivamente. O *objeto* do estudo é a questão da cordialidade envolvida na tênue linha entre o público e o privado na sociedade brasileira. E o *objetivo* é investigar a construção desse conceito nesses dois autores. É dentro desta vontade de estudar a identidade nacional e a cultura brasileira que mergulhamos nessa pesquisa monográfica sobre o conceito de cordialidade. Portanto a problemática consiste na busca da compreensão de um conceito: o que é cordialidade em Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre? Qual o sentido desse conceito nesses dois autores? O pressuposto de que partimos é que esses autores possuem leituras contrárias sobre esse conceito. Enquanto para Sérgio Buarque cordialidade representa quase uma ausência de civilidade que dificulta a democracia e precisa ser superada. Gilberto Freyre é nostálgico em relação à sociedade patriarcal onde a cordialidade aparece como um bem de origem, uma peculiaridade benéfica em nossa sociedade que deve ser conservada. Esta pesquisa bibliográfica lançará uso da análise do discurso e percorrerá, a partir dos conceitos de Bourdieu, o campo intelectual desses autores abordando as posições que ocupam na sociedade, as posições que ocupam no campo intelectual, assim como o habitus, o contexto da produção das obras analisadas. Para então se voltar exclusivamente para o estudo do conceito que interpela questões como a relação entre o Estado e a família; entre a pessoa e o indivíduo; entre o pessoal e o impessoal; entre a razão e a emoção; entre a lei e o jeitinho; e a existência e permanência do autoritarismo; caracterizando a busca de relações pessoais, do íntimo, do coração, do privado, do familiar, do personalismo, do mandonismo. Permitindo a conclusão de que esses autores mesmo possuindo muitas confluências ao abordar esse conceito são contrários quanto ao papel da cordialidade na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Cordialidade, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, cultura Brasileira.

INTRODUÇÃO

Amo a História. Se não amasse não seria historiador... Para conhecerem a História virem resolutamente as costas para o passado e antes de mais nada vivam. Envolvam-se na vida... não fechem os olhos ao grande movimento da vida. Não se contentem em presenciar de fora o que acontece no mar em fúria... arregacem as mangas e vivam intensamente, questionem, duvidem, se espantem. É tudo? Não. Não é mesmo nada, se continuarem a separar a ação do pensamento. Entre a ação e o pensamento não há separação. Não há barreira. É preciso que o conhecimento, e dentro dele a história, deixe de parecer uma coisa morta, onde só passam sombras. É preciso que, no velho palácio silencioso onde a História dorme, vocês penetrem, animados da luta, todos cobertos da poeira do combate... e que abrindo as janelas de par em par avivando as luzes e restabelecendo o barulho despertem com a vossa própria vida, com a vossa vida quente e jovem, a vida gelada da princesa adormecida... a História!

Adaptação do texto de LUCIEN FEBVRE, historiador¹.

Dentro deste encantamento pela História e pela Vida é que se gesta este trabalho, com o intuito não só de entender a cultura brasileira a partir do conceito de cordialidade em Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, mas de entender uma idéia carregada de significados que salta da realidade aos nossos olhos.

I

A presente pesquisa se propõe a discutir a questão da cordialidade, tendo como foco central o conceito de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. Desta forma o objeto de estudo é a idéia da cordialidade brasileira e a questão do público e do privado na sociedade brasileira. E o objetivo geral é investigar a construção e o sentido desse conceito nesses dois autores.

Esses pensadores que refletiram sobre a cultura brasileira e a identidade brasileira foram escolhidos, como o enfoque principal dessa pesquisa para possibilitar a compreensão do conceito de cordialidade e entender os pilares das construções historiográficas sobre a identidade brasileira.

Este estudo se limita a discutir a obra “Raízes do Brasil” de Sérgio Buarque de Holanda e a obra “Casa Grande e Senzala” de Gilberto Freyre que estão ligadas ao conceito de cordialidade.

“Na história da cultura brasileira, poucos conceitos provocaram tantos equívocos quanto o de homem cordial.”² A partir dessa constatação esta pesquisa se justifica ao propor

¹ Lucien FEBVRE, **Combates pela História**. p. 07-08.

o estudo do conceito de cordialidade na historiografia brasileira, condensando uma discussão. Mas sem a pretensão de ser completa ou de envolver todos os pensadores que abordam essa temática, também não cabe neste estudo fazer uma análise aprofundada das obras, mas apenas entender como abordaram a idéia de cordialidade.

A idéia de uma cordialidade brasileira passa a ser discutida quando nossos historiadores deixam de abordar apenas os grandes fatos e os grandes homens e passam a se preocupar com a questão da cultura brasileira.

Esta transição se dá, principalmente, na primeira metade do século XX.³ E é a partir da década de 1930 que encontraremos as obras de Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*(1936); e Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala*(1933); revolucionando o modo de se fazer história; e apresentando preocupações com a cultura brasileira, abordando aspectos de uma identidade nacional.

A idéia de uma cordialidade brasileira ganha expressão com Sérgio Buarque de Holanda, mas essa terminologia “é do escritor Ribeiro Couto, em carta dirigida a Alfonso Reyes e por este inserta em sua publicação *Monterey*.”⁴

Para Sérgio Buarque de Holanda a idéia de cordialidade não se atém ao sentido de bondade, mas o privilégio de questões privadas sobre as públicas; ou melhor, o privilégio de questões do coração, do íntimo, sobre o público.⁵

Sérgio Buarque de Holanda nos apresenta o “Homem Cordial”⁶ como traço do caráter brasileiro. O brasileiro seria então aquele que: reage através das relações afetivas, tem horror às distâncias, quer tornar as relações pessoais, não é cerimonioso, deseja estabelecer relações ao nível da intimidade, não aceita ordens ou normas e leis coletivas.⁷

Em sua obra SBdH estabelece um frutífero diálogo com Cassiano Ricardo⁸ e nos deixa a seguinte afirmação e esclarecimento sobre a palavra cordial:

² João Cezar de Castro ROCHA, **Literatura e Cordialidade**, p.162.

³ Para uma periodização da historiografia brasileira mais completa e detalhada conferir José J. ARRUDA e J. M. TENGARRINHA, na obra **Historiografia luso-brasileira contemporânea**.

⁴ Sérgio Buarque de HOLANDA, **Raízes do Brasil**, 3.ed. p. 136.

⁵ Cf. Sérgio Buarque de HOLANDA, **Raízes do Brasil**, 3.ed. p.129-144.

⁶ **Ibid.**

⁷ **Ibid.**

⁸ A terceira edição da obra **Raízes do Brasil** já vem contemplada com o rico debate estabelecido entre esses autores. Na nota de rodapé do capítulo que trata do “Homem cordial”, SBdH esclarece sua concepção de cordialidade; e no apêndice desta mesma obra encontramos uma carta de Cassiano Ricardo e SBdH (publicadas na revista *Colégio* em 1948.) esclarecendo suas posturas.

...que a palavra ‘cordial’ há de ser tomada, neste caso, em seu sentido exato e estritamente etimológico, se não tivesse sido contrariamente interpretada em obra recente de autoria do Sr. Cassiano Ricardo onde se fala no *homem cordial* dos aperitivos e das “cordiais saudações”, “que são fechados de cartas tanto amáveis como agressivas” e se antepõe à cordialidade assim entendida o “capital sentimento” dos brasileiros (...) feito este esclarecimento e para melhor frisar a diferença, em verdade fundamental, entre as idéias sustentadas na referida obra e as sugestões que propõe o presente trabalho, cabe dizer que, pela expressão “cordialidade”, se eliminam aqui, deliberadamente, os juízos éticos e as intenções apologéticas a que parece inclinar-se o Sr. Cassiano Ricardo, quando prefere falar em “bondade” ou em “homem bom”. Cumpre ainda acrescentar que essa cordialidade, estranha, por um lado, a todo formalismo convencionalismo social, não abrange, por outro lado apenas e obrigatoriamente, sentimentos positivos e de concórdia. A inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração, procedem assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado...⁹

Para Sérgio Buarque o Brasil ainda não tinha dado certo, este autor não vê com bons olhos essa cordialidade brasileira, influenciada por nossa herança ibérica, quando esta apresenta entraves ao desenvolvimento de um Estado democrático. Mas o seu contemporâneo Gilberto Freyre, na obra *Casa Grande & Senzala*, faz uma leitura positiva dessa herança ibérica, dessa predominância da família patriarcal geradoras de relações que criaram a capacidade de adaptação e interação entre as três raças formadoras do Brasil, possibilitando, na perspectiva de Gilberto Freyre, que o Brasil desse certo.

Gilberto Freyre em sua obra *Casa Grande & Senzala* também estuda a cultura brasileira abordando os costumes religiosos, alimentares, sexuais, as linguagens, as práticas da vida diária, as origens e as características da sociedade brasileira. Mesmo não usando a palavra “cordial” ou “cordialidade” trabalha positivamente essa característica do brasileiro, que estaria afeito ao mandonismo e ao personalismo, vivendo na esfera pública as relações privadas:

Resultado da ação persistente desse sadismo de conquistador sobre conquistado, de senhor sobre escravo, parece-nos o fato, ligado naturalmente à circunstância econômica de nossa formação patriarcal (...) excedendo a esfera da vida sexual e doméstica, tem-se feito sentir através da nossa formação, em campo mais largo: social e político. Cremos surpreendê-los em nossa vida política, onde o mandonismo tem encontrado vítimas em quem exercer-se com requintes às vezes sádicos (...) no íntimo, o que o grosso do que se pode chamar ‘povo brasileiro’ ainda goza é a pressão sobre ele de um governo másculo e corajosamente autocrático...¹⁰

⁹ Sérgio Buarque de HOLANDA, **Raízes do Brasil**, p.136-7.

¹⁰ Gilberto FREYRE, **Casa Grande & Senzala**, p.79-81.

Sérgio Buarque e Gilberto Freyre se voltam para os mesmos lugares comuns de interpretação: o meio, o homem e a importação de idéias.¹¹ E estudam a relação entre o público e o privado, voltando às raízes de nossa cultura.

O estilo desenvolvido na década de 30, que produziu as grandes interpretações da cultura brasileira em busca de uma identidade nacional, será paulatinamente trocado, as produções deixarão de ter um caráter ensaístico e caminharão, a grosso modo, para um maior rigor científico. A partir da década de 40 as universidades passarão gradativamente a ser o local de maior produção de conhecimento, e que até hoje não cessou de crescer (com o surgimento dos cursos de pós-graduação).

Outros autores mais recentes compartilham esta temática, como Roberto Da Matta que lança a tese de que o dilema brasileiro reside numa trágica oscilação entre o indivíduo e a pessoa. O indivíduo seria o sujeito das leis universais que modernizam a sociedade; já a pessoa seria o sujeito das relações sociais e entre esses dois, o coração do brasileiro balança, segundo Da Matta. A malandragem, o “jeitinho” e o famoso e antipático “sabe com quem está falando?” seriam modos de enfrentar essas contradições e paradoxos do modo tipicamente brasileiro, segundo ele:

... não há dúvidas de que temos cordialidade, mas também não parece haver dúvidas (...) de que essa cordialidade está dialeticamente relacionada à lógica brutal das identidades sociais, seus desvendamentos e o fato de que o sistema oscila entre cumprir a lei ou respeitar a pessoa.¹²

É incontável o número de autores, que nas últimas décadas e atualmente, trabalham com a questão do público e do privado, a cultura brasileira, a formação de um Estado Democrático, com a idéia da cordialidade. Autores como Roberto Da Matta¹³, Marilena Chauí¹⁴ e mais recentemente ainda, Angela de Castro Gomes¹⁵, Jessé Souza¹⁶ entre tantos se debruçam sobre a questão do público e do privado discutindo a identidade brasileira.

¹¹ Esses lugares comuns de interpretação foram sistematizados por Stella Bresciani ao analisar as “identidades inconclusas” os “ressentimentos e a conformação de identidades”. Na obra: BRESCIANI, Stella, NAXARA, Marcia (org.) **Memórias e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**.

¹² Roberto DA MATTA, **Carnavais, malandros e heróis**, p.167.

¹³ Cf. Roberto DA MATTA, **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**

¹⁴ Cf. Marilena CHAUI, **Conformismo e Resistência**.

¹⁵ Cf., Angela de Castro GOMES, *A política Brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado*. In: **História da Vida Privada no Brasil** vol.4.

¹⁶ Cf. Jessé SOUZA, **A modernização Seletiva: uma reinterpretção do dilema brasileiro**. E Cf. SOUZA, Jessé. (org.), *Democracia Hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea*.

Para Marilena Chauí o Brasil é uma sociedade autoritária, pois não conseguiu até o limiar do século XXI concretizar a distinção entre o público e o privado. Não tendo a capacidade de tolerar o princípio formal e abstrato da igualdade perante a lei, estruturando-se de modo hierárquico, as relações sociais se efetuam sob a forma da tutela e do favor, jamais do direito. A sociedade brasileira conheceu a cidadania através do senhor-cidadão, onde as relações baseiam-se na concessão, na autoridade numa sociedade de imposição e não de construção. Na qual a esfera pública nunca chega a constituir-se como pública, definida sempre imediatamente pelas exigências do espaço privado.¹⁷

Já para Ângela de Castro Gomes a política brasileira se encontra situada na tensão entre o público e o privado, com o desafio de interar essas duas esferas, assumindo que o país não padece de nenhuma patologia em relação à democracia, a necessidade é que o Brasil não seja mais “isso”, mas “isto” uma democracia menos desigual e mais inclusiva.¹⁸

II

Ao percorrer diversas regiões do país nos deparamos com a diversidade e com a capacidade de todos nós de sermos ‘brasileiros’ e essa possibilidade encanta e espanta o pesquisador, pois os mecanismos que permitem a construção dessa cultura brasileira mesmo que diversa e múltipla, instiga a curiosidade do historiador.

É dentro da vontade de estudar a identidade nacional e a cultura política brasileira que mergulhamos nessa pesquisa monográfica sobre o conceito de cordialidade.

Como já foi dito “...na história da cultura brasileira, poucos conceitos provocaram tantos equívocos quanto o de *homem cordial*(o grifo é meu)”¹⁹. É um tema muito recorrente em nosso dia-a-dia, utilizado pela mídia, escritores, jornalistas, estrangeiros; mas a historicidade e grandiosidade deste conceito não são ao mesmo grau atingidas. Este conceito interpela questões como a relação entre o público e o privado na política brasileira; a relação entre o Estado e a família; entre a pessoa e o indivíduo; entre a casa e a rua; entre o pessoal e o impessoal; entre a ética e a emoção; entre alguém e ninguém; entre a lei e o jeitinho; e a existência e permanência do autoritarismo.

¹⁷ Cf. Marilena CHAUI, **Conformismo e Resistência**, p.135-136.

¹⁸ Cf., Angela de Castro GOMES, A política Brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: **História da Vida Privada no Brasil** vol.4. p. 558.

¹⁹ João Cezar de Castro ROCHA, **Literatura e cordialidade**, p. 162.

Desse modo, este pequeno estudo que discute uma idéia toma relevância ao permitir ao leitor não só a discussão de um conceito temporal e histórico, mas a possibilidade de se caminhar até a realidade, de estabelecer relações, compreender e questionar características que permeiam as relações diárias. O acesso a essa pesquisa poderia estimular a realização de relações entre um conceito datado e realidades distintas da história; poderá também contribuir para uma tomada de consciência das implicações da cordialidade em nossa vida política, cultural e social tanto atual, quanto no decorrer de toda a nossa história.

Numa justificativa mais ampla se poderia dizer que qualquer produção de conhecimento que estimule a reflexão, a conscientização, que consiga estimular a dúvida, o questionamento, que consiga responder a interrogações de uma sociedade frente a realidade, que tenha um enraizamento social, que responda a interrogações que o pesquisador se faz a partir daquilo que ele vive e percebe no seu próprio tempo, que sacia e estimula o conhecimento, tem relevância científica e social.

Portanto, a problemática consistirá na busca da compreensão de um conceito: O que é cordialidade em Sérgio Buarque e Gilberto Freyre? O que estes autores entendem e construíram em torno deste conceito? Qual o sentido deste conceito nesses dois autores? Quais problemáticas, referências, idéias e exemplos associam a esse conceito?

Igualmente, os objetivos deste trabalho se concentram basicamente em investigar o conceito em Sérgio Buarque e Gilberto Freyre, compreendendo como cada um interpela a questão da cordialidade na cultura brasileira; analisar as divergências e confluências entre os pensamentos desses autores; demonstrar como cada autor trabalha e identifica a cordialidade na lingüística, na aplicabilidade da lei, na religião, nas instituições e nas relações sociais; entender a relação entre cordialidade e a construção de uma sociedade autoritária a partir desses dois autores; compreender como cada um percebe a relação entre o público e o privado na sociedade brasileira. E os campos intelectuais em que se fomentaram estas construções.

III

O presente projeto não busca estabelecer rigidamente uma postura teórica e metodológica, ao contrário, evita-se o enquadramento cego numa determinada linha teórica e metodológica para que não se crie uma camisa de força e se perca de vista a complexidade do objeto estudado, visto que uma postura rígida pode vir a cometer determinismos, prejudicando a compreensão do objeto.

O desafio de conviver com a diversidade de perspectivas de trabalho, de concepções diversas de fazer história, na vida e na produção do conhecimento, exige um constante repensar de nossas convicções de toda ordem. Nenhuma teoria pode ser pensada como capaz de dispensar a investigação empírica sobre a realidade, ou se corre o risco de construir castelos de areia. A teoria somente começa a ter valor se não for aceita de olhos fechados, tendo-se consciência dos modos pelos quais as questões são construídas e se tornando mais crítico sobre as categorias explicativas utilizadas. Adotando ainda a concepção de que o historiador em cada momento de seu trabalho é sempre um ser formado em valores sociais e que quando propõe problemas e interroga as evidências não pode e não quer se desvencilhar destes valores.²⁰ O historiador nunca está ausente do enunciado que produz.²¹

O estudo partirá da pesquisa bibliográfica acadêmica e da análise das fontes, mapeando em cada autor o conceito de cordialidade. Ou seja a pesquisa se organizará a partir do exame das fontes em torno dos problemas a serem respondidos. O intuito de analisar as idéias não significa que se abordará as idéias somente como idéias. No dizer de Chartier, trata-se de uma sociologia histórica da vida intelectual e da cultura em geral, centrada no estudo das práticas e representações sociais²².

O pressuposto essencial das metodologias propostas para a análise de textos em pesquisa histórica é o de que um documento é sempre portador de um discurso que, assim considerado não pode ser visto como algo transparente. Ao debruçar-se sobre um documento, o historiador deve sempre atentar para o modo através do qual se apresenta o conteúdo histórico que pretende examinar, quer se trate de uma simples informação, quer se trate de idéias. Especialmente no caso de pesquisas voltadas para a história das idéias, do pensamento político, das mentalidades e da cultura.²³

A análise do discurso estando sempre vinculada com o contexto de sua produção será realizada a partir das relações de oposições, associações e identidades. Também se recorrerá a técnica de leitura baseado no conceito de isotopia, uma leitura uniformizante do conjunto do texto baseado em certas hipóteses e na constatação de elementos repetitivos (

²⁰ Déa Ribeiro FENELON, **O historiador e a cultura popular**, p.05.

²¹ Gerard VICENT, *A dificuldade de escolha*. In: **História da Vida Privada: da primeira guerra a nossos dias**, p.07.

²² Francisco FALCON, História das Idéias. In: **Ciro Flamarion CARDOSO (org.). Domínios da História**, p.119.

²³ **Ciro Flamarion CARDOSO, Ronalvo VAINFAS, História e análise de textos**, In: **Ciro Flamarion CARDOSO, (org.), Domínios da História**, p.377.

categorias repetitivas de significação), passando-se para a significação do discurso em seu conjunto e a partir daí podendo estabelecer comparações entre os discursos dos dois autores analisados.

Cabe ainda alertar ao leitor que o conceito de cordialidade que será estudado a partir desses autores é restrito e determinado por eles. Mas dentro do curso da história não se constitui algo determinado e acabado, ao contrário, este conceito apesar de carregar questões que permeiam a nossa realidade é temporal e histórico. E aqui nesta pesquisa será estudado a partir de obras que foram constituídas dentro de um determinado tempo e meio.

Como afirma Lucien Febvre, pedir a sólidas definições que determinem para nós, desde o começo e de uma vez por todas, o sentido de uma palavra é uma tentação, mas daquelas a que um historiador não pode ceder. Porque este rio, a linguagem, não cessa de erodir suas margens e de carregar para o fundo de seu leito os mais diversos aluviões, como pretender fixá-lo. O que estes homens definiram foi seu pensamento em um determinado momento, eles consideraram boa a sua definição porque ajustava-se à realidade que tinham sob os olhos. As palavras só chegam até nossos ouvidos carregadas de história, pesadas de história. É precisamente este passado que nos interessa.²⁴

“Não existe conceito que seja universal. Não existem valores culturais permanentes. Há um pluralismo de culturas e um pluralismo de temporalidades, numa sociedade como a nossa é de vital importância a sensibilidade para a coexistência na contemporaneidade de uma multiplicidade de tempos históricos.”²⁵

A análise dos dois autores ainda se fará levando em consideração as relações existentes entre o campo intelectual e o campo de poder, no sentido apresentado por Bourdieu, no momento em que as obras foram escritas.

IV

A temática a qual se debruça essa pesquisa possui inúmeras possibilidades de fontes. Farta é a acessibilidade a autores que abordam, de uma forma ou de outra essa temática. Tanto na história quanto em outras áreas temos pensadores que abordam essa questão. Mas dentre as inúmeras possibilidades, deixando grandes fontes para traz, a pesquisa parte da seleção de dois autores bem conhecidos que refletiram sobre a cultura

²⁴ Cf. Lucien FEBVRE, **Honra e Pátria**, p.28 e 53.

²⁵ Maria Odila Leite da Silva DIAS, In: José Geraldo V. de MORAES, José Marcio REGO, **Conversas com historiadores brasileiros**, p.199.

brasileira em diferentes momentos históricos: **Sérgio Buarque de Holanda** que em 1936 lançou a grande obra “*Raízes do Brasil*” que aqui servirá de base para o estudo do conceito. E **Gilberto Freyre** que em 1933 lançou a mais comentada e divulgada das obras da época “*Casa Grande & Senzala*”. Felizmente essas obras, que usualmente são utilizadas como referências bibliográficas, e que aqui serão utilizadas como fonte de pesquisa, são encontradas facilmente em nossas livrarias e bibliotecas.

Vale ressaltar que o ideal seria utilização da primeira edição fomentada na década de 30, felizmente se utilizou a primeira edição da obra *Casa Grande & Senzala*, mas a mesma sorte não tivemos com *Raízes do Brasil*, compartilhamos com o leitor a dificuldade de se conseguir a primeira edição da obra acima citada, desta forma estamos utilizando a terceira edição de *Raízes do Brasil*.

V

Num primeiro momento o presente estudo se preocupará em discutir o campo intelectual em que Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre estavam inseridos na construção do conceito de Cordialidade, a partir dos conceitos de Bourdieu, abordando as posições que ocupam na sociedade, a posições que ocupam no campo intelectual, assim como o habitus, o contexto da produção das obras analisadas. Discutindo, desta forma, porque estes dois autores acabaram sendo considerados, junto com Caio Prado Júnior, a tríade brasileira de historiadores clássicos, os intérpretes do Brasil. E qual conjuntura histórica estimulou estes autores a reinterpretarem e redescobrirem o Brasil.

No segundo e último capítulo desta pequena monografia se mergulhará no próprio estudo das obras em busca do conceito de cordialidade, confrontando o que cada autor associou e construiu em torno deste conceito, assim como todas divergências e confluências desses autores na discussão desta idéia.

...



CAMPO INTELECTUAL

**de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre na construção do conceito de
Cordialidade**



CAMPO INTELECTUAL

de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre na construção do conceito de Cordialidade

Neste momento da pesquisa iremos tomar contato com informações que poderão nos dar pistas sobre o campo de produção de cada autor. Partindo da recomendação de Bourdieu de tentar reinserir a obra e o autor, singular que tomamos como objeto, no sistema de relações constitutivo da classe dos fatos de que faz parte sociologicamente. Iremos sair da ingênua idéia de que o ato de criação e produção é desprovido e isento do local social que este autor ocupa, ao contrário a busca do conhecimento do campo intelectual de produção do autor é fundamental para se compreender a fomentação da obra e de um conceito. A busca pelo campo intelectual, segundo Bourdieu:

“é necessária para que se possa indagar não como tal escritor chegou a ser o que é, mas o que as diferentes categorias de artistas e escritores de uma determinada época e sociedade deviam ser do ponto de vista do *habitus* socialmente constituído, para que lhes tivesse sido possível ocupar posições que lhes eram oferecidas por um determinado estado do campo intelectual e, ao mesmo tempo, adotar as tomadas de posição estéticas ou ideológicas objetivamente vinculadas a estas posições.”¹

Em busca deste *Habitus* socialmente constituído (ao nosso ver seria a estrutura estruturada que existe antes de nascermos, em detrimento da estrutura estruturante a qual interagimos neste mundo estruturado) é que iremos seguir os três passos sugeridos por Bourdieu para se alcançar este campo intelectual de produção dos autores que estamos estudando. O primeiro passo seria a análise da posição dos intelectuais na estrutura da classe dirigente [ou seja o lugar social que ocupam]. O segundo seria o estudo da estrutura das relações objetivas entre as posições que os grupos em situação de concorrência ocupam na estrutura do campo intelectual [o campo intelectual a que pertencem e as posturas teórico-metodológicas ocupadas]. E o terceiro passo seria a construção do *habitus* como um sistema socialmente constituído que enquanto estruturas estruturadas e estruturantes constituem o princípio gerador do conjunto de práticas e ideologias de um grupo [contexto].²

¹ Pierre BOURDIEU, *A economia das trocas simbólicas*.p.190.

² Cf. *Ibid.* p.191.

I

Posições que ocupam na sociedade

Como já foi sugerido acima, neste momento do estudo iremos analisar as posições que Sérgio Buarque e Gilberto Freyre ocuparam na sociedade.

Alguns momentos da vida destes intelectuais serão desnudados para que possamos descobrir o lugar social de produção de ambos. Obviamente que tal estudo só será possível com a contribuição de diversos estudiosos e comentaristas que se debruçam ao estudo destes dois autores por muito mais tempo e que não podem ser ignorados, ao contrário a partir deles é que poderemos apresentar novos olhares e novas questões. Estes biógrafos e analistas irão colaborar para que possamos arrecadar informações que nos farão compreender o universo social em que Sérgio Buarque e Gilberto Freyre estavam inseridos. Pedimos paciência para aqueles que já conhecem alguma coisa da trajetória pessoal destes dois autores, mas este contato com a vida construída por ambos se faz necessário para apresentá-los àqueles que tomam contato pela primeira vez com Sérgio Buarque e Gilberto Freyre.

Ainda é necessário ressaltar que apenas apresentaremos algumas informações, fragmentadas, da vida destes dois intelectuais, pois o objetivo deste trabalho não é desenvolver uma biografia, ao contrário, busca-se apenas situar o leitor.

Sérgio Buarque de Holanda

Sérgio Buarque de Holanda nasceu em São Paulo, em 1902 e faleceu em 1982, teve provavelmente uma vida modesta, sofreu o autoritarismo paterno, levou uma vida sobretudo urbana, teve uma formação escolar formal e regular, sempre apreciou a leitura e a escrita. Sua formação superior foi em direito, mas não exerceu. Considerado boêmio, vivia em rodas de amigos. Começou a carreira como crítico literário e jornalista, viajou várias vezes para a Europa e permaneceu um ano na Alemanha e outros anos na Itália. Filho de funcionário público acabou se tornando também funcionário público, foi professor da Universidade de São Paulo. Ofereceu cursos e palestras nas principais universidades dos Estados Unidos, Itália, Chile; sua vida intelectual foi muito intensa. Publicou obras muito importantes e é sempre lembrado como modelo de historiador.³

³ Cf. José Carlos REIS, *As identidades do Brasil*, p.115-116.

“Foi um intelectual precoce: aos vinte anos participou do Movimento modernista e aos vinte e dois fundou, juntamente com Prudente de Moraes, a revista *Estética*, renovador dos estilos literários e artísticos vigentes.”⁴

Ainda na Alemanha pensou em escrever um livro sobre o Brasil e escreveu mesmo um volumoso texto, ao qual deu o título de *Teoria da América*, mas não publicou tal como escreveu. Esse texto deu origem à obra que vamos analisar neste estudo: *Raízes do Brasil*, que antes se chamaria *Corpo e alma do Brasil: ensaio de psicologia social*.⁵

Sobre os ideais cultivados por Sérgio Buarque descobrimos que:

“Nos anos 30 Sérgio Buarque de Holanda parece se definir como um democrata liberal, ele defende a ‘felicidade para o maior número’. Para ele, nosso mundo cordial, que prefere, exclui, cria exceções; fere o princípio jurídico da neutralidade democrática. O ideal humanitário é impessoal: amor para o maior número. Ele se revela, portanto, liberal-democrata, inspirando-se nas burguesias revolucionária francesa e americana. Acredita nos valores da cidadania e do individualismo norte-americano-capitalista (...) em suas raras intervenções na vida pública ele assumiu posições socialistas (...) esta sua vontade de não interferir pode parecer escapismo, omissão em relações às lutas públicas, expressão de um certo conservadorismo. Por um lado, deve ser isso mesmo: ele talvez tivesse um temperamento mais recolhido e frágil, contemplativo; por outro, revela um espírito basicamente não-autoritário. A história pode ser produzida, mas deve ser sobretudo acompanhada. (...) esta sua característica revela ainda a sua formação weberiana: ele distingue a atividade do cientista das paixões do cidadão...”⁶

“Como professor, tinha uma memória prodigiosa e alinhava os assuntos uns após os outros à medida que apareciam. Gostava de perguntas de onde partia para longos percursos eruditos. Não era um professor usual, tinha sempre algo desconcertante a dizer, era um desorientador, que dava muito que pensar...”⁷

Como se percebe, Sérgio Buarque foi um intelectual urbano, contrário aos valores tradicionais. Ao produzir *Raízes do Brasil* ainda não estava inserido no meio acadêmico, mas será um intelectual institucionalizado.

Gilberto Freyre

Gilberto Freyre nasceu em 1900, no Recife, e morreu em 1987 “filho de família tradicional pernambucana. Seus estudos iniciais foram realizados sob orientação de

⁴ Maria Antônia Alonso de ANDRADE, **A problemática cultural brasileira**. *Cadernos de Ciências Sociais*, v.4, n.5, p.31.

⁵ Cf. José Carlos REIS, **As identidades do Brasil**, p.116.

⁶ José Carlos REIS, **As identidades do Brasil**, p.138-139.

⁷ Maria Odila Leite da Silva DIAS, **In: MORAES, José Geraldo Vinci de, REGO, José Marcio. Conversas com Historiadores Brasileiros**, p.186.

professores particulares. Estudou posteriormente no colégio Americano Gilreath, em Pernambuco, para prosseguir na Universidade de Baylor, com pós-graduação em Ciência Políticas, jurídicas e sociais na Universidade de Colúmbia.”⁸

Assim como Sérgio Buarque, foi um intelectual precoce, aos 20 anos já estava estudando em Baylor, nos Estados Unidos. Em 1922 conclui a tese de mestrado sobre o nordeste. Com grande capacidade de liderança se opôs ao chamado Movimento Modernista de São Paulo de 1922.⁹ Sua experiência fora do país vai permitir que tenha um olhar diferenciado, a descoberta do que é ser brasileiro a partir de um olhar de fora acaba por contribuir para a produção de sua escrita original.

“Viveu intensamente o final da República Velha no nordeste. De 1923 a 1930 desenvolveu atividades de jornalista e de político, e teve viva participação na vida intelectual nos círculos pernambucanos. Como político, foi ligado ao governo de Pernambuco e era identificado com as forças conservadoras da política”.¹⁰

Gilberto Freyre manteve durante toda sua vida o mesmo lugar social de produção, não se institucionalizou como Sérgio Buarque, ao contrário, cultivou pouco os vínculos com o mundo acadêmico e sempre manteve vínculos com os valores tradicionais.

II

Posições que ocupam no campo intelectual

Neste momento do trabalho iremos apresentar, com ajuda de vários autores e analistas, as principais discussões acerca das posturas e influências sobre Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, buscando realmente encontrar o campo intelectual deste dois autores.

Sérgio Buarque de Holanda

Uma das principais influências sobre Sérgio Buarque foi o pensamento alemão moderno, que tinha por pressupostos básicos o particular, o único, a especificidade temporal de cada realidade histórica, daí Sérgio Buarque se voltar para a singularidade do Brasil; ele se utilizará da comparação, da criação de tipos ideais das peculiaridades brasileiras.¹¹

⁸ Carlos Guilherme MOTTA, *Ideologia da Cultura Brasileira*, p.60.

⁹ Cf. Manuel Correia de ANDRADE, *Gilberto Freyre e o impacto dos anos 30*, *Revista da USP*, n.38, p.40-41.

¹⁰ Carlos Guilherme MOTTA, *Ideologia da Cultura Brasileira*, p.60.

¹¹ Cf. José Carlos REIS, *As identidades do Brasil*, p.119.

A sua obra é ao mesmo tempo racional, conceitual, documentada, interpretativa, erudita, objetiva e intuitiva, literária, artística. É considerado, por José Carlos Reis, Diltheyano e weberiano. Weberiano porque se inclui na sociologia compreensiva de Weber, interpretando sinais, articula os meios e fins de uma ação, recria a situação em que as escolhas foram feitas, procura pôr-se no lugar dos seus personagens. Desta forma, “*Raízes do Brasil* tem páginas inteiras inspiradas em Weber. A sua discussão do Estado brasileiro, das relações entre o público e o privado, a sua proposta de uma separação radical entre estas esferas e da modernização do Estado (...) os tipos ideais do trabalhador e do aventureiro, do ladrilhador e do sementeiro, do homem cordial e do homem polido, a análise comparativa da mentalidade ibérica e da europeia, das mentalidades portuguesa e espanhola na América e os conceitos de dominação patrimonial e burocrático...”¹² É a partir de Weber que Sérgio Buarque cria a tipologia dos pares contrários que perpassam o tecido social do Brasil desde a colônia até o século XX.¹³

Reis afirma ainda que Buarque foi o primeiro a trazer para o Brasil a teoria social weberiana e abordar a história de forma psicológica, buscando apreender a vida humana brasileira e ibérica pelo seu interior, revivendo-a e recriando-a. Pela sua formação weberiana distingue a atividade científica das paixões do cidadão e não permite que estas se imponham ao pensamento criando juízos de valor ou posturas autoritárias. Ele reinterpreta o passado e deseja um novo futuro para o Brasil, a intervenção democrática na visão historicista que ele apresenta seria respeitando o próprio ritmo da História, exigindo uma reflexão sobre o tempo. Seu tema é a singularidade brasileira que deve ser construída e conquistada dentro do tempo histórico, quando deixarmos de ser desterrados em nossa própria terra e passarmos a pensar e ser expressão de um lugar histórico socialmente construído; daí o tema de *Raízes do Brasil* ser o futuro democrático do Brasil, neste tempo brasileiro ele enfatiza a mudança e não a continuidade.¹⁴

Como historiador se preocupava em evitar generalizações, buscava renovar os pilares da historiografia tradicional a partir das *singularidades*, de forças atuantes como indícios de processos de transformação e não como etapas de formação da nacionalidade, ele abriu caminho para a historiografia social e da cultura, com a noção de *pluralidade de sujeitos e múltiplas temporalidades*.¹⁵

¹² Cf. José Carlos REIS, *As identidades do Brasil*, p.120.

¹³ Cf. Manuel da Costa PINTO, *Um intérprete modernista*. In: Revista Cult, nº58, p.50.

¹⁴ Cf. José Carlos REIS, *As identidades do Brasil*, p.121,139-140.

¹⁵ Cf. . Maria Odila leite da Silva DIAS, Política e Sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda. In: Antônio CANDIDO, *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*, p.20.

A busca pelas *singularidades, pluralidades de sujeitos e múltiplas temporalidades* é ressaltada em Sérgio Buarque e se apresentam realmente como características marcantes deste historiador.

O autor enfatiza o personalismo como categoria de análise, este personalismo criticado por Buarque é a relação de pessoa para pessoa, de cunho emotivo, e a família patriarcal teria deixado essa herança que acaba por moldar as relações políticas e sociais.

A postura de Sérgio Buarque é contrária àquela aristocratizante, senhorial, elitista, não aprecia chefes carismáticos, o caudilhismo aos seus olhos é um empecilho à modernização do Brasil. O povo anônimo no cotidiano, em os grandes fatos, é o protagonista de sua obra. Seu olhar não é, como o Gilberto Freyre, de nostalgia sobre o passado; ao contrário, ele não idealiza, nem lamenta a perda da glória das oligarquia, que seriam o entrave para a modernização do país. Seu olhar sobre o passado é de um homem urbano, recente, que teme a violência conservadora dos senhores rurais. Deseja um mundo sem senhores e sem escravos, habitados por cidadãos.¹⁶

Da mesma forma Maria Odila afirma que Sérgio Buarque de Holanda foi um erudito brigado com valores tradicionais, para ele o historiador nada podia aprender do passado, nem devia esperar dele soluções para os problemas do presente, o passado deveria ser desvendado para poder se libertar dele.¹⁷

Ao falar de revolução é ameno, não está contra a classe dominante atual, para ele a sociedade brasileira se formou mal por conta da colonização portuguesa. Desta forma a revolução deverá ser feita com a elite e não contra ela; mas isto não significa que ele apresente uma idéia conciliadora, ao contrário ele busca a mudança efetiva, uma aproximação que igualaria, que tornaria a sociedade mais homogênea, é a grande proposta de Sérgio Buarque.¹⁸

Para alguns analistas como Ianni, Sérgio Buarque pensa a história do Brasil na perspectiva do Rio de Janeiro, da capital do país, do Estado nacional, do todo visto a partir do centro político e cultural. Para outros como Reis, Sérgio Buarque fala do ponto de vista do homem médio urbano, comerciante, funcionário público, profissional liberal, empresários, operários, do homem livre da dominação do senhor rural.¹⁹ Poderia-se dizer

¹⁶ Cf. José Carlos REIS, *As identidades do Brasil*, p.122.

¹⁷ Cf. Maria Odila Leite da Silva Dias, Política e sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda. In: Antonio CANDIDO (org.), *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*, p.11.

¹⁸ Cf. José Carlos REIS, *As identidades do Brasil*, p.140.

¹⁹ José Carlos REIS, *As identidades do Brasil*, p.141.

ainda que Sérgio Buarque fala de um novo grupo de intelectuais que devido o momento histórico estão impulsionados a redescobrir o Brasil.

Durante sua estada em Berlim Sérgio Buarque teve contato com os escritos de Krakauer nos jornais de Frankfurt e de Berlim, ou de Theodor Adorno e Walter Benjamin, cuja interpretação do processo social aderiu aos microcosmos, aos eventos imperceptíveis; a experiência urbanizadora vivida por Sérgio Buarque em Berlim já era tema de Georg Simmel, de Krakauer e Walter Benjamin e Dilthey foi lido quando Sérgio estava na Alemanha.²⁰ Assistiu ainda na Alemanha aulas de Friedrich Meinecke, Ferdinand Tönnies e Max Weber.²¹ Também a psicologia social americana o influenciou a partir dos autores Knight, Dollar, Wembridge e Cavan.²²

Gilberto Freyre

Freyre introduz em sua análise uma forte quantidade de afetividade e subjetividade. Ele produziu uma espécie de auto-antropologia da cultura na qual nasceu, a nordestino-brasileira. Ele não se colocou fora do seu objeto de estudo, já que este faz parte de sua vida, trouxe à tona uma história que ainda estava calada. Seu estilo é oral, coloquial; uma conversa autêntica e pessoal, parecendo ter presenciado e vivido o que escreve.²³

Segundo Reis, Freyre quis demonstrar que houve uma solução brasileira para um acordo entre diferentes tipos de vivência, é um autor criativo, sensível ao cheiro, à cor, ao ruído, ao amor e ao ódio, ao riso e ao choro. Freyre mergulhou no tecido social, expressando o inconsciente da vida coletiva e o cotidiano afetivo.²⁴

Como já é sabido, sua formação é basicamente norte americana e seu principal orientador foi Franz Boas, também recebeu influência do historicismo, principalmente de Dilthey, Simmel e Weber. Entretanto sua formação americana é só indiretamente alemã através da presença de Franz Boas. Deste Freyre herdou o conceito de cultura, combatendo o evolucionismo biológico e racial, já que Boas negava o determinismo, o evolucionismo, o cientificismo e se aproximava do historicismo alemão com sua ênfase na cultura e na relatividade dos valores.²⁵

²⁰ Cf. Maria Odila Leite da Silva DIAS, Política e Sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda. In: Antônio CANDIDO, **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**, p.19.

²¹ Cf. Manuel da Costa PINTO, Um intérprete modernista do Brasil. In: **Revista Cult** nº58, p.50.

²² Maria Antônia Alonso de ANDRADE, A Problemática Cultural Brasileira, **Caderno de Ciências Sociais**, v.4 , n.5, p.31.

²³ Cf. José Carlos REIS, **As identidades do Brasil**, p.52.

²⁴ **Ibid.**, p.52.

²⁵ **Ibid.**, p.53.

A inovação documental e temática é uma das grandes características da obra de Freyre, ele utilizou anúncios de jornais, diários, correspondências, escritos de viajantes, livros de receitas, fotografias, cantigas de rodas, e toda tradição oral. Centrado na questão das mentalidades e da cultura foi pioneiro nas análises da infância, da velhice, da festa, da família, do amor, do sexo, da morte, da comida, da natureza e da paisagem.²⁶

“Freyre descobriu junto com os franceses de *Annales* a história do cotidiano, a história das mentalidades coletivas e a renovação das fontes da pesquisa histórica.” Segundo Febvre, o autor de *Casa Grande & Senzala* não oferece grandes respostas, mas convida a refletir sobre uma grande questão: será possível uma civilização em que todos possam encontrar a sua pátria cultural?²⁷

Esta obra é um relogio da colonização portuguesa, o Brasil é visto por Freyre como uma sociedade original e multirracial, nesta história patriarcal cujo o palco é a casa grande, Freyre, enfatizará a continuidade da colônia, ele deslumbrará este Brasil do passado e trará brilho nos olhos da elite que já está em decadência, elogiando e legitimando a colonização lusa e o patriarcalismo. Confirmando Varnhagem, Freyre acredita que só o latifúndio e o sistema escravocrata seriam capazes de resistir aos obstáculos dos trópicos, só a casa grande e a senzala, o senhor e o escravo seriam capazes de tal esforço que para Freyre foi um sucesso.²⁸

Freyre irá valorizar a colonização portuguesa, pois estes plásticos e flexíveis sob a prática da mobilidade, miscibilidade e aclimatibilidade foram superiores na prática da colonização, desta forma, Freyre justifica o imperialismo português.²⁹

Os personagens tomados por Freyre não são os grandes heróis, ao contrário a massa anônima, mas sua interpretação do passado colonial brasileiro é continuísta, conservadora, passeísta, patriarcalista, escravista, colonizadora; seu olhar é um olhar branco, aristocrático, elitista embora muito sofisticado.³⁰

Os marxistas consideram Freyre um intelectual orgânico das oligarquias dominantes em crise, com uma visão senhorial, em que o mundo criado pelo português é harmônico, equilibrado e democrático, raças e classes viviam sem tensões ou conflitos. O tom da obra é de nostalgia, de perda, de saudade; de uma elite que vem perdendo poder. As relações de

²⁶ Cf. Laura de Mello e SOUZA, Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil colonial. In: Marcos Cezar FREITAS, **Historiografia Brasileira em perspectiva**, p. 20-21.

²⁷ Cf. José Carlos REIS, **As identidades do Brasil**, p54-55.

²⁸ **Ibid.**, p.55-56.

²⁹ Cf. Laura de Mello e SOUZA, Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil colonial. In: Marcos Cezar FREITAS, **Historiografia Brasileira em perspectiva**, p. 20.

³⁰ Cf. José Carlos REIS, **As identidades do Brasil**, p.58.

dominação são ocultadas, Freyre fala em ‘democracia racial’, idéia que para os marxistas chega a ser cinismo ao se tratar de uma sociedade escravocrata.³¹

Sua obra revela os preconceitos mais conservadores de uma época, a ternura pelo negro é pelo negro escravo, neste caso não havia preconceito do branco. Para Freyre o negro vivia melhor como escravo do que no regime de liberdade de trabalho.³²

Mas Freyre despertou uma grande questão a ser discutida em torno do passado, presente e futuro: as possibilidades das relações raciais. Mesmo tendo uma visão nostálgica do passado da casa grande, dos senhores de engenhos, do escravo passivo masoquista e feliz, das relações de poder exercidas por uma oligarquia, que Freyre se identificava, ele deixou o legado da discussão sobre essas relações.

Essa percepção positiva da mestiçagem permitiu que Freyre valorizasse as práticas, crenças, e costumes cotidianos dos três grupos.³³

Freyre por ter ficado três anos no exterior conseguiu ter sobre o Brasil um olhar de estrangeiro, um olhar externo, de fora para dentro, que clarifica o que seria a identidade brasileira, daí ter proposto uma análise psicológica sobre o Brasil, uma abordagem social e psicofisiológica. Ele adotará um olhar senhorial, da janela da Casa grande, e verá que o domínio das elites já não é o mesmo e desenvolverá um sentimento nostálgico em relação ao passado.³⁴ Toda sua obra será escrita da janela da sala de visitas da Casa grande com saudades de um passado que para ele está se desfalecendo.

A visão regional de Freyre é transferida para todo o país, o regionalismo surge porque este autor vê no nordeste as características mais claras do patriarcalismo que para Freyre está em todo país.

Para Freyre ‘o povo brasileiro’, o mestiço, filho de uma relação sadomasoquista, aprecia o mandonismo, gosta do dono bravo, do senhor completamente em seu papel. Daí acreditar que a maioria do povo brasileiro ainda goza a pressão sobre ele de um governo corajosamente autocrático e autoritário, portanto o regime político mais adequado a este povo, segundo esta perspectiva apresentada por Freyre, é a ditadura, o ditador será aclamado, idolatrado e querido, quanto mais severo mais prazer trará a esta população filha do prazer-com-violência.³⁵

³¹ José Carlos REIS, **As identidades do Brasil**, p.59-60.

³² Cf. Dante Moreira LEITE, **O caráter nacional brasileiro**, p.372.

³³ Cf. Laura de Mello e SOUZA, Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil colonial. In: Marcos Cezar FREITAS, **Historiografia Brasileira em perspectiva**, p. 21.

³⁴ Cf. José Carlos REIS, **As identidades do Brasil**, p.64-65.

³⁵ **Ibid.**, p.76

Sobre o tempo em *Casa Grande & Senzala*, Laura de Mello e Souza afirma que não é uma obra sobre o período colonial, mas uma miscelânea sobre a história do Brasil, com uma inegável atemporalidade.³⁶ E José Carlos Reis afirma que o tempo histórico de Freyre é lento, contemplativo de retorno, é ibérico, sem relógio, senhorial, ocioso em busca da continuidade de um passado que para ele foi bom, já que em sua perspectiva as elites brasileiras são competentes e democráticas; mudanças para Freyre apenas àquelas que preservarão a continuidade do passado.³⁷

E ao contrário dos outros autores, Freyre produz suas melhores obras ainda em sua juventude, marcadas pelo tom aberto, hipotético e inquisitivo. Mas a separação entre as obras da juventude e da maturidade não é feita no sentido de estabelecer um corte epistemológico, ao contrário, Freyre é o mesmo pensador durante toda a sua produção intelectual. Sua atenção esteve sempre em desnudar relações entre os diferentes, de perceber formas harmônicas entre contrários.³⁸

Mas continua sendo uma tarefa difícil localizar Freyre, pois ele se coloca como sociólogo em certo sentido, e em outro não; é um liberal, mas critica os liberais; é um revolucionário, mas um revolucionário conservador; quando é tido como antropólogo se apresenta como escritor.³⁹

Sérgio Buarque de Holanda

&

Gilberto Freyre

Já foi possível perceber algumas convergências e divergências entre esses dois autores, mas é de grande valia e interessante reservar um espaço para esse confronto que apenas ajudará na compreensão desses dois autores. Vale ainda ressaltar que algumas características enfatizadas em cada um deles não significa que sejam rígidas; ao contrário, são as principais tendências de cada autor; não caracterizam posturas rígidas ou determinadas. Dentro de um campo de variações escolheremos os picos, mas ambos são intelectuais complexos para se colocar um ponto final em algum estudo sobre eles.

³⁶ Cf. Laura de Mello e SOUZA, Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil colonial. In: Marcos Cezar FREITAS, **Historiografia Brasileira em perspectiva**, p.23.

³⁷ Cf. José Carlos REIS, **As identidades do Brasil**, p.81.

³⁸ Cf. Jessé SOUZA, **A modernização seletiva**, p. 210-212.

³⁹ Carlos Guilherme MOTA, **Ideologia da Cultura Brasileira**, p.64.

A primeira divergência percebida e que determina a escrita de ambos é que enquanto Sérgio Buarque é ‘urbano’ e vislumbra o futuro do país; Gilberto Freyre é ‘rural’ e nostálgico pelo passado do país. Enquanto um ambiciona o fim do personalismo, do patriarcalismo; outro vê como solução para o país as relações personalistas e hierárquicas do patriarcalismo.

Mas se neste âmbito não são parceiros, na área teórica-metodológica se aproximam por utilizarem novas fontes e desenvolverem uma história desvinculada dos grandes fatos e dos grandes homens, inovam por discutirem novas temáticas e se preocuparam em redescobrir o Brasil, mesmo que seja para propósitos diferentes. Daí cada autor perceber e apresentar de forma oposta a ‘cordialidade’ brasileira.

Na opinião de Emilia Viotti da Costa, a relação nostálgica com o Brasil agrário de *Casa Grande & Senzala* também existe em *Raízes do Brasil*, mas crítica e ironizada. Ambos adotam uma abordagem interdisciplinar, marcada pela antropologia e psicologia, buscam definir o ‘caráter nacional’ dando prioridade à cultura. Consideram a plasticidade e a cordialidade uma característica da nossa cultura; assim como a aversão ao trabalho, a ausência de barreiras rígidas entre as classes e raças e a importância da família patriarcal. Ambos também identificam como característica do brasileiro o ócio, a irreverência, a informalidade, a espontaneidade, o bacharelismo, o culto do sentimento em vez da racionalidade. Os dois possuem um modelo de cultura em mente para estabelecer comparações.⁴⁰

Ambos passeiam pelos mesmos lugares comuns de interpretação discutidos por Stella Bresciani⁴¹; o meio, o homem e a importação de idéias. E retornam ao pecado de origem para discutir a cultura brasileira. Retornando às raízes ibéricas Freyre faz uma leitura positiva enquanto Sérgio Buarque a vê como a herança que entrava a democracia.

Ambos sofreram influências do pensamento alemão, e seus personagens passam a ser o coletivo criando tipos ideais para estudo: o ladrilhador e o sementeiro, o homem cordial e o polido de um lado; por outro lado o senhor e o escravo, a casa grande e a senzala.

Ambos vivenciaram a experiência de viver fora do país, experimentar um pouco a possibilidade de se olhar de fora, de ter o olhar de um estrangeiro; experiência que estimula uma maior compreensão do que somos e que contribuiu para a busca da interpretação da cultura brasileira.

⁴⁰ Emilia Viotti da COSTA In: José Geraldo Vinci de MORAES, José Márcio REGO, **Conversas com Historiadores Brasileiros**, p.78.

⁴¹ Cf. Stella BRESCIANI, *Identidades no Brasil do século XX. Fundamentos de um lugar comum*. In: BRESCIANI, Stella, Márcia NAXARA (org.) **Memórias e (res)sentimentos**, p. 403-429.

Outra característica desenvolvida por ambos, mas colocadas em posturas opostas, é a singularidade brasileira, enquanto um valoriza a miscigenação como característica única e que permitiu o sucesso da colonização, outro ainda está em busca destas singularidades que devem ser construídas e conquistadas.

Percebe-se que os dois autores partem de questões próximas e análogas, mas se divergem ao discutirem-nas pois seus lugares sociais de produção são distintos, acarretando em posturas divergentes nos caminhos percorridos pelos intelectuais. Como afirma Maria Alonso de Andrade:

“Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda partilham uma mesma conjuntura histórica e possuem as matrizes teóricas muito próximas. Ambos abordam a cultura brasileira do ponto de vista das origens coloniais, fonte de caracteres étnicos, psicológicos e culturais herdados. Porém as conclusões de ambos são opostas. Freyre faz do regionalismo, enquanto volta às origens, uma justificativa da inevitabilidade do autoritarismo na vida política brasileira. Buarque de Holanda faz de seu ensaio sobre as raízes do Brasil um diagnóstico dos entraves à democratização, assumindo uma postura progressista.”⁴²

Desta forma, enquanto um constrói argumentos que comprovam o carisma do povo brasileiro pelo mandonismo e por chefes ditadores e carismáticos, outro é completamente contrário a essa idéia, entendendo que essas mesmas características prejudicam o desenvolvimento da democracia brasileira. Da mesma forma que um valoriza a colonização portuguesa, outro vê nela toda herança que entrava a sociedade brasileira.

Sérgio Buarque será um intelectual que partirá para o futuro acadêmico, se institucionalizando quando a universidade se torna o lugar privilegiado de produção, enquanto Gilberto Freyre se manterá no mesmo local de produção durante toda sua produção intelectual.

São obras de “leitura rica e fascinante, servida por uma psicologia social, amante de tipologias humorais e contrastes retóricos (...) ambas sinuosamente esquivas à dialética de classes (...) é ensaísmo histórico das causas étnicas, das concausas geográficas e das subcausas psicológicas, descontraído então pela experiência americana de Gilberto Freyre e pela

⁴² Maria Antônia Alonso de ANDRADE, *A problemática cultural brasileira*, **Caderno de ciências sociais**, Belo Horizonte, v.4, nº5, p.34.

prática modernista em Buarque de Holanda. Daí o caráter singularmente misto de ambas, oscilante entre o arcaico e o contemporâneo.”⁴³

III

O habitus – o contexto

Neste momento do estudo iremos apresentar algumas informações do contexto em que estavam inseridos Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, a fim de entender a construção do habitus como um sistema socialmente constituído. As informações que se seguem são pinceladas sobre o contexto histórico e intelectual da época, desta forma iremos apenas pontuar alguns focos da história daquele momento, que é muito mais complexa que esta simples contextualização.

Dentro de um contexto histórico que se inseria no Estado Novo, a crise da ordem oligárquica, com a Revolução de 30, estimula-se a elaboração do conjunto de reflexões que atingiria seus pontos mais altos nas obras de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. A revolução não foi suficiente para romper com as formas de organização social e econômica existentes, mas abalou as linhas de interpretação da realidade brasileira já arranhadas pela intelectualidade que emergia em 1922, com a semana de arte moderna e a fundação do partido comunista. A historiografia do Instituto Histórico e Geográfico de valorização dos grandes homens e dos grandes fatos passa a ser questionada, e outras práticas e perspectivas historiográficas surgem.⁴⁴

A busca das verdadeiras raízes da nacionalidade se despontará em rejeição aos modelos liberais importados, a identidade nacional aparece como uma produção política. e esses (re)fundadores do Brasil vão assumir esta tarefa de redescobrir a identidade nacional assumindo a incumbência de pensar pelo povo a sua própria identidade. Ambos os autores estariam inseridos neste movimento nacionalista que expressa a decadência da oligarquia rural e uma inquietação diante do vazio do poder, que só será resolvido com surgimento de um líder, Getúlio Vargas. O pensamento autoritário é facilitado pela falta de organização da sociedade brasileira e a auto-flagelação do mundo diante da crise de 29. Essa crise não foi apenas financeira, trouxe um empobrecimento muito forte em determinadas nações e

⁴³ Alfredo BOSI, *Cultura Brasileira*, 1985. In: Maria Antônia Alonso de ANDRADE, *A problemática cultural brasileira*, **caderno de ciências sociais**, Belo Horizonte, v.4, nº5, p.31.

⁴⁴ essa discussão pode ser acompanhada de forma mais aprofundada em Carlos Guilherme MOTTA, **Ideologia da Cultura Brasileira**, p.28-31.

possibilitou o surgimento de organizações autoritárias, já que a falta de uma democracia consolidada permite que o autoritarismo se estabeleça.

Stella Bresciani, tentando entender a persistente busca da identidade brasileira ainda no final do milênio, afirma que:

“...nas décadas subsequentes à independência do país, em 1822, a exigência de representarmos simbolicamente nossa singularidade ante a ex-metrópole e os outros países do contexto internacional teria estimulado a formação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e motivado vários intelectuais a se preocuparem em atribuir características próprias ao país e à sua população. Mais para o final do século XIX e primeiras décadas do XX, a onda política dos nacionalismos, formada no confronto com a Internacional proletária, e a rivalidade sem tréguas entre os países europeus, aí incluídos os novos avanços colonizadores, dariam estímulo a nova busca da identidade brasileira, mais coerente com as novas instituições republicanas.”⁴⁵

A periodização sobre a discussão e construção do ideário nacional de identidade é clássica e aponta pelo menos três momentos mais significativos. O primeiro corresponde à conjuntura dos anos vinte, que compreende desde o manifesto de Alberto Torres, publicado em 1914, a Semana Modernista e os manifestos de 1924 e de 1928, de Oswald de Andrade, a fundação do Partido Comunista e as manifestações intelectuais e políticas do tenentismo. O segundo, manifesta-se na conjuntura do governo Vargas e compreende as manifestações literárias marcadamente sociais, o pensamento sociológico e o pensamento autoritário de matriz governista. O terceiro momento identificado como de forte debate em torno da (re)construção de um imaginário nacionalista, ocorreu entre o final dos anos 50 e início do 60. Nesse período, foi fundamental o ideário nacional-desenvolvimentista produzido a partir de instituições como a Cepal e o Iseb, principalmente. Nessa linha de raciocínio, uma outra instituição merece destaque, em especial entre os anos 1945-64, é o Partido Comunista Brasileiro e com ele, todo o imaginário anticomunista.⁴⁶

Ângela de Castro Gomes afirma que entre 1920 e 1940 não é casual que se tenham produzido ensaios tão significativos para a compreensão do país e que suas interpretações povoem ainda de forma rigorosa nosso imaginário político. Esse foi um tempo, segundo a autora, de descoberta e de valorização do homem e da realidade nacionais, embora tenha

⁴⁵ Stella BRESCIANI, *Identidades no Brasil do século XX*. In: Stella BRESCIANI, Márcia NAXARA, *Indagações sobre uma questão sensível*, p. 405.

⁴⁶ Luiz Carlos RIBEIRO, *Identidade nacional: uma questão de cultura e poder*, p.02

dividido os intelectuais quanto à crença na possibilidade de se alcançar, no país, a modernidade nos marcos da democracia liberal. Nesse sentido, o dilema vinha de longe. Estava na fronteira entre o público e o privado, e lançava suas raízes no ‘período colonial’: em nossa tradição rural e escravista e na cultura ibérica onde havia nascido.⁴⁷

Uma breve periodização⁴⁸ da historiografia brasileira irá localizar Sérgio Buarque e Gilberto Freyre dentro deste curso da produção intelectual: de forma genérica pode-se dizer que antes de 1838 se produzia no Brasil apenas memórias, sem profissionalização; de 1838, que se torna um marco pelo nascimento do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), até 1930 a principal preocupação era a construção da idéia de uma nação, do enaltecimento dos personagens ilustres da uma história nacional. Este período se caracteriza como um período de construção de um alicerce para a produção da historiografia brasileira e de transição do século XIX para o século XX, em que se destaca Capistrano de Abreu como principal responsável para a construção da moderna produção historiográfica brasileira; de 1930 à 1950 se despontam os grandes intérpretes do Brasil, como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr., período em que se produz as grandes sínteses da história do Brasil, cuja principal preocupação é a busca de uma identidade nacional, da cultura brasileira, é o redescobrimento do Brasil; de 1950 à 1970, para o conhecimento do leitor, é o período em que o auge da produção do conhecimento passa a ser as universidades, que se despontam como um novo lugar social de produção; e a partir de 1970 se despontam os cursos de pós-graduação como um novo lugar social de produção.

O abalo que a sociedade experimentava nos anos 30, estimula não apenas uma reconstrução do passado através de uma produção historiográfica sofisticada, mas está nos textos a presença da crise, são documentos que registram a trepidação da ordem social.⁴⁹

...

⁴⁷ Ângela de Castro GOMES, A política brasileira em busca da modernidade. In: Fernando A. NOVAIS, **História da Vida privada no Brasil**. p. 508.

⁴⁸ Para tomar contato com uma periodização mais detalhada ver: José J. ARRUDA, J. M. TENGARRINHA, **Historiografia luso-brasileira contemporânea**.

⁴⁹ Cf. Carlos Guilherme MOTTA, **Ideologia da Cultura Brasileira**, p.63.



O CONCEITO DE CORDIALIDADE
em Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre

O CONCEITO DE CORDIALIDADE

em Sérgio Buarque de Holanda

Em Sérgio Buarque de Holanda as características da cultura brasileira, inclusive a cordialidade, são heranças que foram trazidas de fora para dentro, “somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra”.¹

Para este autor foi significativa a herança ibérica que cultivou a ‘cultura da personalidade’, como nenhum outro país da Europa.

Em oposição ao pensamento de Gilberto Freyre, acredita que a falta de coesão em nossa vida social não representa um fenômeno moderno, ao contrário, erram aqueles que imaginam a volta à tradição a única defesa possível contra nossa desordem. A hierarquia que exaltam se alimenta da anarquia. “No fundo o próprio princípio de hierarquia nunca chegou a importar de modo cabal entre nós. Toda hierarquia funda-se necessariamente em privilégios”.²

“portugueses e espanhóis parecem ter sentido vivamente a irracionalidade específica, a injustiça social de certos privilégios, sobretudo dos privilégios hereditários. O prestígio pessoal, independente do nome herdado, manteve-se continuamente nas épocas mais gloriosas da história das nações ibéricas.”³

Contrapõe-se a Gilberto Freyre ao questionar este retorno ao passado, que expressaria a nossa incapacidade de criar espontaneamente.

Ao analisar a cultura ibérica, Sérgio B. de Holanda, afirma que o mérito pessoal sempre teve importância ponderável entre os povos ibéricos. Estes também expressavam uma repulsa à moral fundada no trabalho, já que a ociosidade sempre lhes pareceu agradável e aceitável, o que ambicionam é a vida de um senhor, sem esforço ou preocupação. Para eles “o ócio importa mais que o negócio”⁴ e a contemplação e o amor tem mais valor que a atividade produtora. Desta forma, as relações de sentimento ganham prestígio na sociedade Ibérica, que deixará para o Brasil essa herança.

“À autarquia do indivíduo, à exaltação extrema da personalidade, paixão fundamental e que não tolera compromissos, só pode haver uma alternativa: a renúncia a essa mesma personalidade em vista de um bem maior. Por isso

¹ Sérgio Buarque de HOLANDA, **Raízes do Brasil**, 3ªed.p.15.

² **Ibid.**, p.21.

³ **Ibid.**, p.21-22.

⁴ **Ibid.**, p.28.

mesmo que rara e difícil, a obediência aparece algumas vezes, para os povos ibéricos, como virtude suprema entre todas. E não é estranhável que essa obediência (...) tenha sido até agora, para eles, o único princípio político verdadeiramente forte. A vontade de mandar e a disposição para cumprir ordens são-lhes igualmente peculiares...”⁵

Já em seu primeiro capítulo fica claro que Sérgio Buarque de Holanda associa a cultura da personalidade ao traço essencial e característico da cordialidade, herdada da cultura ibérica, fonte do autoritarismo, alicerce da ditadura e o entrave à democracia brasileira.

Para Sérgio B. de Holanda a colonização portuguesa aconteceu com certo desleixo e abandono, característica que se perpetuará deixando essa despreocupação aventureira, a vontade de colher o fruto sem plantar a semente. E este espírito de aventura dos portugueses teve influência decisiva na vida nacional brasileira.⁶

Uma das características da plasticidade social dos portugueses era a completa ausência, ou praticamente completa, de qualquer orgulho de raça; já era um povo mestiço. Neste caso Sérgio Buarque contraria Gilberto Freyre ao afirmar que o Brasil não foi nenhum teatro de grande novidades, a mistura racial tinha começado na própria metrópole.⁷

Ao tratar do principal tipo de vínculo herdado dos portugueses, e já explicitando características da cordialidade entendida como relações tomadas pelo íntimo, pela esfera afetiva, familiar, privada Sérgio Buarque afirma que:

Em sociedade de origens tão nitidamente personalistas como a nossa, é compreensível que os simples vínculo de pessoa a pessoas, independentes e até exclusivos de qualquer tendência para a cooperação autêntica entre os indivíduos, tenham sido quase sempre os mais decisivos. As agregações e relações pessoais, embora por vezes precárias e, de outro lado, as lutas entre facções, entre famílias, entre regionalismos, faziam dela um todo incoerente e amorfo. O peculiar da vida brasileira parece ter sido, por essa época, uma acentuação singularmente enérgica do afetivo, do irracional, do passional, e uma estagnação ou antes uma atrofia correspondente das qualidades ordenadoras, disciplinadoras, racionalizadoras. Quer dizer, exatamente o contrário do que parece convir a uma população em vias de organizar-se politicamente.⁸

Dentro desta crítica às relações personalistas que enfatizam o afetivo em detrimento do racional, Sérgio Buarque se dirige à família como o berço de toda esta formação, em que se organizam as relações de poder, e o privado se prevalece sobre o público:

Dos vários setores de nossa sociedade colonial, foi sem dúvida a esfera da vida doméstica aquela onde o princípio de autoridade menos acessível se

⁵ Sérgio Buarque de HOLANDA, *Raízes do Brasil*, 3.ed. p. 29.

⁶ Cf. *Ibid.*, p. 34-35-39.

⁷ Cf. *Ibid.*, p.51-52.

⁸ *Ibid.*, p.67.

mostrou (...) Nesse ambiente o pátrio poder é virtualmente ilimitado e poucos freios existem para sua tirania. (...) O quadro familiar torna-se, assim, tão poderoso e exigente que sua sombra persegue os indivíduos mesmo fora do recinto doméstico. A entidade privada precede sempre, neles, a entidade pública. (...) Representando o único setor onde o princípio de autoridade é indisputado, a família colonial fornecia a idéia mais normal do poder, da respeitabilidade, da obediência e da coesão entre os homens. O resultado era predominarem, em toda a vida social, sentimentos próprios à comunidade doméstica (...) uma invasão do público pelo privado, do Estado pela família.⁹

Esta forte influência da família, herança da família patriarcal, acrescida da mentalidade da casa-grande com a moral das senzalas, vai estabelecer todos os modelos de relações entre os governantes e governados, imperando na administração, na economia e na política. Questão que, para Sérgio Buarque, acabará por ser tornar um entrave na constituição de uma sociedade democrática.

Sobre a fundação das cidades coloniais Sérgio Buarque confronta os habitus dos espanhóis com dos portugueses demonstrando como os interesses pessoais ordenaram a ocupação portuguesa. Enquanto os espanhóis tinham a preocupação de vencer as intempéries da natureza, a vontade racional não deixou as ruas se modelarem pela sinuosidade, mas impôs-lhe o gosto da linha reta, as cidades eram pensadas e planejadas antes da construção. Já os portugueses tinham a colônia como um lugar de passagem, não tinham o intuito de se estabelecer, ocupavam de forma aleatória, ao bel-prazer, tinham “aversão a qualquer ordenação impessoal”, “a rotina e não a razão foi o princípio que norteou os portugueses”.¹⁰

A cidade que os portugueses construíram na América não é produto mental, não chega a contradizer o quadro da natureza, e sua silhueta se enlaça na linha da paisagem. Nenhum rigor, nenhum método, nenhuma previdência, sempre esse significativo abandono que exprime a palavra ‘desleixo’, tão tipicamente portuguesa como ‘saudade’...¹¹ A ordem que aceita não é a que compõem os homens com trabalho, mas a que fazem com desleixo e certa liberdade; a ordem do semeador, não a do ladrilhador...¹²

Esta cultura do ‘deixa estar’, do ‘conservadorismo’, do ‘desleixo’, da ‘repulsa à racionalização’ tem sido até aos nossos dias, segundo Sérgio Buarque, um dos traços mais constantes dos povos de origem ibérica.¹³

⁹ Sérgio Buarque de HOLANDA, **Raízes do Brasil**, 3.ed. p.102-103.

¹⁰ Cf. **Ibid.**, p.127-149-151.

¹¹ **Ibid.**, p. 152.

¹² **Ibid.**, p. 162-163.

¹³ Cf. **Ibid.**, p. 164 e 189.

Sérgio Buarque se mostra contrário a essa falta de racionalização nas relações em que um cliente, por exemplo, assume a posição de amigo, a partir de laços de pessoa a pessoa que acabam por dificultar a aplicação de regras igualitárias e leis de convívio.

E no mais famoso capítulo da obra *Raízes do Brasil, O Homem Cordial*, Sérgio Buarque irá colocar à mesa todas características que envolvem a idéia da cordialidade.

De início já se demonstra contrário aos teóricos, incluindo Gilberto Freyre, que entendem o Estado como ampliação do círculo familiar, de vontades particularistas. Para Sérgio Buarque não existe entre o círculo familiar e o Estado uma gradação, mas uma descontinuidade e até uma oposição:

...Só pela transgressão da ordem doméstica e familiar é que nasce o Estado e que o simples indivíduo se faz cidadão, contribuinte, eleitor, elegível, recrutável e responsável, ante as leis da cidade...

Sérgio Buarque vai então estabelecer uma dicotomia, a partir da tipologia dos pares contrários, entre o Estado e a Família. No Estado existe o cidadão, o indivíduo no espaço público; já na Família existe a pessoa, o particular, o privado. E como já foi percebido, para este autor deve haver um rompimento da ordem familiar para que o estado possa se estabelecer.

Ao discorrer sobre a transição para o capitalismo a partir das relações de trabalho, que passariam de pessoais para impessoais, Sérgio Buarque constata que o tipo de educação que melhor se encaixa na formação de cidadãos não é a de super-proteção e com dominação dos pais nas escolhas dos filhos, pois este tipo de educação gera pessoas incompetentes, tanto social, como individualmente. Desta forma, onde os princípios familiares se estabelecem de forma muito sólida, no espírito de iniciativa pessoal, cria anti-cidadãos, entrando em confronto aos princípios da cidadania que se baseiam na responsabilidade de quem não mais vive à sombra da família.

A família patriarcal, um dos pilares da formação do Brasil, acarretou um desequilíbrio social, segundo Sérgio Buarque, pois o Estado se construiu de forma destorcida já que ocorre o predomínio das vontades particulares, sendo organizado a partir da lógica familiar, direcionada às questões pessoais para garantir privilégios em detrimento da igualdade.¹⁴

No Brasil, onde imperou, desde tempos remotos, o tipo primitivo da família patriarcal, o desenvolvimento da urbanização – que não resulta

¹⁴ Cf. Sérgio Buarque de HOLANDA, *Raízes do Brasil*, 3.ed. p. 199-219.

unicamente do crescimento das cidades, mas também do crescimento dos meios de comunicação, atraindo vastas áreas rurais para a esfera de influência das cidades – ia acarretar um desequilíbrio social, cujos efeitos permanecem vivos ainda hoje.¹⁵

Como traço do caráter brasileiro Sérgio Buarque nos apresenta o *homem cordial*, que se caracteriza como expressão de fundo emotivo, desejoso de estabelecer relações de intimidade, não é cerimonioso, age através impulsos afetivos, tem horror às distâncias, quer tornar todas relações pessoais, não aceita ordens ou normas e leis coletivas. A condição de cordial não pressupõe bondade, mas caracteriza necessariamente o predomínio da afetividade, das questões do coração nas relações.¹⁶

Na distinção entre o funcionário patrimonial e funcionário burocrata, Sérgio Buarque trabalha com os conceitos de Weber e a dicotomia dos pares contrários. O funcionário patrimonial filho de uma cultura personalista irá entender a gestão política como assunto de interesse particular, os direitos são tidos como privilégio, os cargos são ocupados por critério de confiança e as relações possuem bases domésticas baseadas em laços de sangue e do coração. Já o funcionário burocrata respeita a racionalidade, dá garantias ao cidadão e a ordenação é impessoal.¹⁷

E na frase mais famosa sobre a cordialidade, talvez mais discutida e reinterpretada, Sérgio Buarque afirma que:

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o ‘homem cordial’. A Lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar ‘boas maneiras’, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante...¹⁸

Como já foi dito na introdução deste estudo, a expressão ‘homem cordial’ é do escritor Ribeiro Couto, e Sérgio Buarque a utilizará de forma mágica ao explicitá-la como a categoria síntese que condensa todo o resultado de uma formação personalista. Desta forma, a cordialidade é “estranha a todo formalismo e convencionalismo social, não abrange apenas sentimentos positivos e de concórdia. A inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade,

¹⁵ Cf. Sérgio Buarque de HOLANDA, *Raízes do Brasil*, 3.ed. p.207.

¹⁶ *Ibid.*, p. 207-208.

¹⁷ *Ibid.*, p. 199-219.

¹⁸ *Ibid.*, p.209-210.

nisto que uma e outra nascem do coração, procedem, assim da esfera do íntimo, do familiar, do privado”.¹⁹

Na oposição construída entre brasileiros e japoneses tangendo a questão do convívio social, Sérgio Buarque parte para mais uma dicotomia dos pares contrários, enquanto o homem cordial é praticamente expressão pura do fundo emotivo (anti-japonês), o homem polido é a expressão quase ritualística de respeito.²⁰

Nenhum povo está mais distante dessa noção ritualística da vida do que o brasileiro. Nossa forma ordinária de convívio social é no fundo justamente o contrário da polidez. (...) a polidez implica uma presença contínua e soberana do indivíduo. (...) No ‘homem cordial’, a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência...²¹

Para exemplificar essa necessidade de estabelecer intimidade Sérgio Buarque irá recorrer à lingüística e ao estudo dos comportamentos comerciais e religiosos. Na lingüística a cordialidade se torna visível no emprego dos diminutivos, os ‘inhos’, com o objetivo de familiarizar, de aproximar do coração, de tornar a relação íntima; também o emprego só do primeiro nome nos tratamentos têm como objetivo tornar as relações pessoais, suprimindo as barreiras. Nos comportamentos comerciais se destaca a necessidade de se estabelecer relações de amizade para se conquistar um freguês. E na religião ficam evidentes os tratos com os santos com extrema intimidade, humanizando os ritos, expressando o apego ao concreto e o horror às distâncias.²²

Sérgio Buarque encontra indícios de novos tempos no Brasil, acredita que a condição cordial teria de ser superada para o estabelecimento de um Estado democrático. Critica a aptidão para o afetivo em que o culto religiosos se tornam excessivamente humano e se cultiva o apego aos valores da personalidade. Sérgio Buarque, também critica a busca pela satisfação própria, onde a profissão e a carreira não importam, mas sim os postos mais altos, mais rendosos e de mais prestígio. Outra crítica é dirigida às características que possibilitaram o sucesso do positivismo no Brasil, como o apego à palavra escrita, ao pensamento inflexível, o horror ao vago e a dispensa do pensamento mental; lançando críticas aos homens de idéias conservadoras.²³

E ao criticar a importação de idéias Sérgio Buarque afirma que:

¹⁹ Cf. Sérgio Buarque de HOLANDA, **Raízes do Brasil**, 3.ed. p.209-210.

²⁰ **Ibid.**, p.210.

²¹ **Ibid.**, p.210-211.

²² **Ibid.**, p. 212-217.

²³ **Ibid.**, p. 223-245.

...Trouxemos de terras estranhas um sistema complexo e acabado de preceitos, sem saber até que ponto se ajustam às condições da vida brasileira e sem cogitar das mudanças que tais condições lhe imporiam. Na verdade, a ideologia impessoal do liberalismo democrático jamais se naturalizou entre nós. Só assimilamos efetivamente esses princípios, até onde coincidiram com a negação pura e simples de uma autoridade incômoda, confirmando nosso instintivo horror às hierarquias e permitindo tratar com familiaridade os governantes. A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos e privilégios (...) ²⁴

Para Sérgio Buarque existe uma revolução lenta, mas segura e concertada, a única que, rigorosamente, tem-se experimentado em toda a vida nacional. Caminhando para a superação da velha ordem colonial e patriarcal com todas as conseqüências morais, sociais e políticas que acarretou e continua a acarretar. ²⁵

O Brasil já passa a ter os centros urbanos como principal foco dos acontecimentos. “As cidades que outrora tinham sido como complemento do mundo rural, proclamam finalmente sua vida própria e sua primazia”. ²⁶ E sobre a revolução Sérgio Buarque comunga da idéia de Herbert Smith, ao afirmar que a revolução deve acontecer de forma branda, sem a condenação das classes superiores, as quais se estão isoladas não é por escolha, mas por desventura. “os brasileiros estão hoje expiando os erros dos seus pais, tanto quanto os próprios erros”. ²⁷

Desta forma, Sérgio Buarque que se mostra contrário aos valores tradicionais e ao personalismo, entende que a superação desses valores só acontecerá de forma lenta e gradual. A ausência de verdadeiros partidos, na concepção de Sérgio Buarque, por exemplo, não é a causa de nossa incapacidade de adaptação a um regime legitimamente democrático, mas ante um sintoma dessa incapacidade. ²⁸

Sérgio Buarque constrói argumentos que demonstram a possibilidade de convívio dos ideais democráticos com os personalistas, mas deixa claro que o personalismo estando arraigado deixa os ideais democráticos apenas na superfície da grande organização social brasileira.

É inegável que em nossa vida política o personalismo pode ser em muitos casos uma força positiva e que ao seu lado os lemas da democracia liberal parecem conceitos puramente ornamentais ou declamatórios, sem raízes fundas na realidade. (...) É freqüente imaginarmos prezar os

²⁴ Sérgio Buarque de HOLANDA, **Raízes do Brasil**, 3.ed. p. 235-234.

²⁵ **Ibid.**, p.249-279.

²⁶ **Ibid.**, p.251-252.

²⁷ **Ibid.**, p.266-267.

²⁸ **Ibid.**, p.270.

princípios democráticos e liberais quando, em realidade, lutamos por um personalismo ou contra outro²⁹

Não faltam exemplos de ditadores que realizam atos de autoridade perfeitamente arbitrários e julgam, sem embargo, fazer obra democrática.³⁰

E o conceito de cordialidade é enriquecido com o debate estabelecido entre Sérgio Buarque e Cassiano Ricardo. Depois da primeira edição de *Raízes do Brasil*, Cassiano Ricardo escreve que Sérgio Buarque colocou cordial como contrário a polido, o que para Cassiano não cabe, porque cordial para ele quer dizer justamente polido e continua afirmando que cordial não era a melhor palavra para definir o homem brasileiro, já que cordial era mais próprio em *cordiais saudações*. Cassiano prossegue criticando Sérgio Buarque, pois este teria alterado o conceito da primeira edição.

A partir da segunda edição Sérgio Buarque acrescenta a nota de rodapé respondendo a Cassiano:

A expressão é do escritor Ricardo Couto, em carta dirigida a Alfonso Reyes e por este inserta em sua publicação *Monterey*. Não parecia necessário reiterar o que já está implícito no texto, isto é, que a palavra 'cordial' há de ser tomada, neste caso, em seu sentido exato e estritamente etimológico, se não tivesse sido contrariamente interpretada em obra recente de autoria do Sr. Cassiano Ricardo onde se fala no *homem cordial* dos aperitivos e das 'cordiais saudações' (...) Feito este esclarecimento e para melhor frisar a diferença, em verdade fundamental, entre as idéias sustentadas na referida obra e as sugestões que propõe o presente trabalho, cabe dizer que, pela expressão 'cordialidade', se eliminam aqui, deliberadamente, os juízes éticos e as intenções apologéticas a que parece inclinar-se o Sr. Cassiano Ricardo, quando prefere falar em 'bondade' ou em 'homem bom'. Cumpre ainda acrescentar que essa cordialidade, estranha, por um lado, a todo formalismo e convencionalismo social, não abrange, por outro, apenas e obrigatoriamente, sentimentos positivos e de concórdia. A inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração, procedem, assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado...³¹

Cassiano afirma que Sérgio Buarque após este complemento na segunda edição dá a *cordial* uma amplitude inexistente na edição anterior. Para Cassiano “na 1ª edição, o cordial referia-se às virtudes gabadas por estrangeiros que os visitam. Não só aos sentimentos de concórdia como até a generosidade, lhanza no trato e hospitalidade, e dava esses atributos como o 'traço definido' do caráter do brasileiro.”³²

²⁹ Cf. Sérgio Buarque de HOLANDA, *Raízes do Brasil*, 3.ed. p.271.

³⁰ *Ibid.*, p. 275.

³¹ *Ibid.*, p.209.

³² *Ibid.*, p. 287.

E Cassiano continua criticando na segunda edição a *inimizade* acrescida ao caráter da cordialidade que viria do coração, afirmando que “ a contradição que existia entre *cordial* e o conceito de homem brasileiro, passa agora para outra contradição – não menos interessante – do autor para consigo mesmo”³³. Esta análise de Cassiano é colocada na terceira edição de *Raízes do Brasil*, na qual Sérgio Buarque acrescenta uma resposta às críticas de Cassiano Ricardo.

Quando na primeira edição de meu livro recorri à expressão, já empregada, antes de mim, pelo nosso amigo Ribeiro Couto, estava implícito nas minhas palavras tudo quanto a respeito seria dito na nota da segunda edição que deu motivo ao seu artigo. Aliás você mesmo lembra, agora, como na primeira edição se dava o *homem cordial* como contrário de polido. Quer dizer que não se atribuía à palavra o sentido que adquire em fechos de cartas amáveis ou agressivas. Mas na mesma primeira edição eu também já tratava de apresentar as manifestações de polidez como ‘espécie de mímica deliberada de manifestações que são espontâneas no homem cordial’...³⁴

Sérgio Buarque busca esclarecer que o conceito de cordialidade não foi alterado, ou entrou em contradição da primeira para a segunda edição, já que a idéia foi apenas ampliada, exemplificada. E deixa bem clara sua concisão sobre o conceito e sua postura contrária a este caráter *cordial* que para ele deve ser superado:

...a própria *cordialidade* não me parece virtude definitiva e cabal que tenha de prevalecer independentemente das circunstâncias mutáveis de nossa existência. Acredito que, ao menos na segunda edição de meu livro, tenha deixado este ponto bastante claro. Associa-a antes a condições particulares de nossa vida rural e colonial, que vamos rapidamente superando. Com a progressiva urbanização, que não consiste apenas no desenvolvimento das metrópoles, mas ainda e sobretudo na incorporação de áreas cada vez mais extensas à esfera da influência metropolitana, o homem cordial se acha fadado provavelmente a desaparecer, onde ainda não desapareceu de todo. E às vezes receio sinceramente que já tenha gasto muita cera com esse pobre defunto.³⁵

³³ Cf. Sérgio Buarque de HOLANDA, *Raízes do Brasil*, p. 287.

³⁴ Para tomar contato com este debate o leitor pode consultar : Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, 3ªed., p. 283-314. a citação se encontra na página 312

³⁵ Para tomar contato com este debate o leitor pode consultar : Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, 3ªed., p. 283-314. a citação se encontra na página 313-314.

em Gilberto Freyre

O foco principal de Gilberto Freyre já está explícito no título da obra: Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal.” Enfatizando o patriarcalismo e a família na formação da sociedade brasileira.

Gilberto Freyre coloca a polidez e a cozinha como expressões da civilização patriarcal, que são encontradas principalmente na Bahia. O termo polidez não é empregado no mesmo sentido de Sérgio Buarque (enfatizando a extrema educação, o respeito quase ritualístico e formal), mas no sentido de cordialidade empregado por Sérgio Buarque, caracterizando a idéia do povo acolhedor e afetivo, que valoriza as relações de intimidade.³⁶

Diferente de Sérgio Buarque, Gilberto Freyre não vê as distâncias e discrepâncias sociais no Brasil, ao contrário, acredita que a miscigenação corrigiu essas distâncias, pois agiu de modo eficaz no sentido de democratizar socialmente o Brasil.³⁷

Para Gilberto Freyre a ‘democracia racial’ foi estabelecida. Mesmo que essa democracia signifique mandonismo, autoritarismo, carregadas de afetividade e de vontades particulares. “Salientemos a doçura nas relações de senhores com escravos domésticos, talvez maior no Brasil do que em qualquer outra parte da América.”³⁸ Pois “verificou-se entre nós uma profunda confraternização de valores e sentimentos...”³⁹

Foi a família a unidade colonizadora, que através da formação patriarcal organizou a casa-grande e a senzala:

A casa-grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social, político: de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o bangüê, a rede, o cavalo); de religião (o catolicismo de família, com capelão subordinado ao pater famílias, culto dos mortos, etc); de higiene do corpo e da casa (o ‘tigre’, a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lava-pés); [de política (o compadrismo)⁴⁰]. Foi ainda fortaleza, banco, cemitério, hospedaria, escola, santa casa de misericórdia amparando os velhos e as viúva, recolhendo órfãos...⁴¹

Gilberto Freyre ao falar da família patriarcal como a grande condensadora de todas as relações sociais, políticas e econômicas; exaltando essas características, vai de encontro a Sérgio Buarque que via com maus olhos essa grande influência da família sobre a sociedade,

³⁶ Cf. Gilberto FREYRE, *Casa Grande & Senzala*, p. X.

³⁷ *Ibid.*, p.XV.

³⁸ *Ibid.*, p.399.

³⁹ *Ibid.*, p.403.

⁴⁰ esta característica, da casa-grande completada pela senzala, do caráter político representado pelo compadrismo não aparece na primeira edição da obra, sendo acrescentado em outras edições no prefácio à primeira edição.

⁴¹ Gilberto FREYRE, *Casa Grande & Senzala*, p.XIX.

pois tornaria as relações pessoais e no âmbito da intimidade, mas ambos reconhecem e enfatizam a família como a grande influenciadora da sociedade brasileira.

Quase em tom comemorativo Gilberto Freyre afirma que “a casa-grande venceu no Brasil (...) vencido o jesuíta, o senhor de engenho ficou dominando a colônia quase sozinho. O verdadeiro dono do Brasil...”⁴²

Em *Casa Grande & Senzala* a família patriarcal aparece como foco central da formação da sociedade, e essa coesão familiar é valorizada por Freyre.

A vida da família brasileira encantou aos estrangeiros que viam o apego, a intimidade, a solidariedade entre as pessoas do mesmo sangue, chegando a preocupar tal ligação, já que os casamentos em vários casos só se realizavam entre parentes.⁴³

A confluência com Sérgio Buarque aparece quando ambos percebem o domínio da família sobre a religião. Religião que se torna mais humana, mais concreta; onde os santos são tratados com intimidade no dia-a-dia das famílias:

O costume de se enterrarem os mortos dentro de casa – na capela, que era uma puxada da casa – é bem característico do espírito patriarcal de coesão de família. Os mortos continuavam sob o mesmo teto que os vivos. Entre santos e flores devotas. Santos e mortos eram afinal parte da família. Nas cantigas de acalanto portuguesas e brasileiras as mães não hesitavam nunca em fazer dos seus filhinhos uns irmãos mais moços de Jesus, com os mesmos direitos aos cuidados de Maria, as vigílias de José, as pateticas de vovó de Sant’Anna. (...) e tinha-se tanta liberdade com os santos que era a eles que se confiava a guarda das terrinas de doce e de melado contra as formigas (...) nunca deixou de haver no patriarcalismo brasileiro, ainda mais que no português, perfeita intimidade com os santos...⁴⁴

Para Gilberto Freyre é impossível conceber um cristianismo português ou brasileiro sem a intimidade entre o devoto e o santo. Com Santo Antônio, por exemplo, chega haver cerimônias obscenas, davam atributos humanos e cada um deles e os ligavam a uma fase da vida doméstica e íntima.⁴⁵

Ambos autores também se referem à plasticidade dos portugueses que se adaptaram aos ambientes tropicais; transformando, por exemplo, as arquiteturas das casas acrescentando o terraço ou a varanda, transição entre a casa e a rua, abarcando toda a vista sobre o mundo rural, hospitaleira e patriarcal.⁴⁶

⁴² Cf. Gilberto FREYRE, *Casa Grande & Senzala.*, p.XXI.

⁴³ *Ibid.*, p.386.

⁴⁴ *Ibid.*, p.XXII-XXIII.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 247.

⁴⁶ *Ibid.*, p.XXX.

Gilberto Freyre afirma que a história social da casa-grande é a história íntima de quase todo o brasileiro, “nas casas-grandes foi até hoje onde melhor se exprimiu o caráter brasileiro”.⁴⁷ Este autor irá inaugurar um pensamento sobre a ‘cordialidade social’ na casa-grande e senzala.

E o sentimento nostálgico em relação ao Brasil colonial fica evidente quando Gilberto Freyre afirma que a escravidão e a monocultura continuam influenciar a conduta, os ideais, as atitudes e a moral sexual dos brasileiros, pois para ele a monocultura latifundiária mesmo depois de abolida a escravidão achou jeito de subsistir, criando um proletariado em condições menos favoráveis de vida do que a massa escrava. O patriarcalismo para Gilberto Freyre é a melhor forma de organização, pois foi este que até então amparou os escravos, alimentando-os, socorrendo-os na velhice e na doença.⁴⁸

Fica claro que a posição de Gilberto Freyre é a favor dos valores patriarcais, do personalismo, já que escreve com a visão de uma elite que resente a urbanização do Brasil.

...tenhamos a honestidade de reconhecer que só a colonização latifundiária e escravocrata teria sido capaz de resistir aos obstáculos enormes que se levantaram à civilização do Brasil pelo europeu. Só a casa-grande e a senzala. O senhor de engenho rico e o negro capaz de esforço agrícola e a ele obrigado pelo regime de trabalho escravo.⁴⁹

Diferente de Sérgio Buarque, Gilberto Freyre irá dedicar inúmeras páginas da obra *Casa Grande & Senzala* valorizando as características colonizadoras dos portugueses e suas influências na cultura brasileira.

E o que para Sérgio Buarque é desleixo, para Gilberto Freyre é corajosa iniciativa particular de colonização. Foi a colonização particular que promoveu e organizou toda a estrutura social, econômica, política e racial do país, tendo como base a família patriarcal.

A família; não o indivíduo, nem tão pouco o Estado, nem nenhuma companhia de comércio; é desde o século XVI, o grande fator colonizador no Brasil, a unidade produtiva, o capital que desbrava o solo, instala fazendas, compra escravos, bois, ferramentas, a força social que se desdobra em política, constituindo-se na aristocracia colonial mais poderosa da América...⁵⁰

⁴⁷ Cf. Gilberto FREYRE, *Casa Grande & Senzala*, p.XXX.

⁴⁸ *Ibid.*, p.XXXIX-XL.

⁴⁹ *Ibid.*, p.274.

⁵⁰ *Ibid.*, p.27.

Ainda valorizando a família, Gilberto Freyre afirma que

Vivo e absorvente órgão da formação social brasileira, a família colonial reuniu, sobre a base econômica da riqueza agrícola e do trabalho escravo, uma variedade de funções sociais e econômicas. Inclusive a do mando político: o oligarquismo ou nepotismo, que aqui madrugou...

Pela presença de um tão forte elemento ponderador como a família rural, ou antes latifundiária, é que a colonização portuguesa do Brasil tomou desde cedo rumo e aspectos sociais tão diversos da teocracia idealizada pelos jesuítas...⁵¹

Gilberto Freyre ao discorrer sobre as vantagens da miscigenação, não deixa de tratar das desvantagens da sifilização que juntas formaram o brasileiro.⁵² A miscigenação é vista como o fator de nossa nacionalidade, como característica do caráter nacional, um bem de origem.

Valorizando a miscigenação Gilberto Freyre afirma que “todo brasileiro, mesmo o alvo de cabelo louro, traz na alma , quando não na alma e no corpo a sombra, ou pelo menos a pinta do negro”⁵³

Já sobre a sífilis lamenta que “a sífilis fez sempre o que quis no Brasil patriarcal. Matou, cegou, deformou a vontade (...) uma serpente criada dentro de casa sem ninguém fazer caso de seu veneno”.⁵⁴ A sífilis era a transição da infância para a vida adulta, o amadurecimento do menino, as preocupações sifilizavam-se.⁵⁵

Sobre a importação de idéias, estruturas, legislações implantadas sem o consenso da sociedade, reflexo de um autoritarismo; que Sérgio Buarque critica e lamenta; e Gilberto Freyre percebe como algo inevitável, reflexo de uma sociedade que teve em sua origem o sistema patriarcal e escravocrata, onde as leis surgem de cima para baixo sem ter embasamento na sociedade como um todo. Gilberto Freyre questiona que “quando é que as leis de proibição, portuguesas e brasileiras, foram escritas para serem cumpridas à risca?”⁵⁶ expressando a despreocupação, o ‘jeitinho’, a ‘malandragem’ a superioridade das vontades particulares em detrimento do coletivo, da ‘cordialidade’ tida como a característica enraizada ao brasileiro.

⁵¹ Gilberto FREYRE, *Casa Grande & Senzala*, p.33.

⁵² *Ibid.*, p.74.

⁵³ *Ibid.*, p.303.

⁵⁴ *Ibid.*, p.354.

⁵⁵ *Ibid.*, p.439.

⁵⁶ *Ibid.*, p.443.

E uma das principais colocações de Gilberto Freyre, para a questão abordada neste estudo, surge quando este autor trata do mandonismo relacionado ao sadismo e ao masoquismo.

Esse pensamento caracteriza a ‘cordialidade social’ na Casa grande-senzala, já que as relações pessoais, de intimidade e personalistas se concretizam no sadismo-masoquismo que para Freyre excedem a esfera da vida sexual e doméstica, abrangendo não só o campo social, mas também o político. A partir desta colocação Freyre justifica o mandonismo, o autoritarismo e afirma ser a melhor forma de organização para uma sociedade em que o privado se sobrepõe sobre o público, e onde a família condensa todas as bases de organização da sociedade.

Resultado da ação persistente desse sadismo, de conquistador sobre conquistado, de senhor sobre escravo, parece-nos o fato, ligado naturalmente à circunstância econômica da nossa formação patriarcal. (...) mas esse sadismo de senhor e o correspondente masoquismo de escravo excedendo a esfera da vida sexual e doméstica, tem-se feito sentir, através da nossa formação, em campo mais largo: social e político. Cremos surpreendê-los em nossa vida política, onde o mandonismo tem sempre encontrado vítimas em quem exercer-se com requintes às vezes sádicos.(...) *no íntimo, o que o grosso do que se pode chamar ‘povo brasileiro’ goza é a pressão sobre ele de um governo másculo e corajosamente autocrático* (o grifo é meu).(…) sente-se o laivo ou o resíduo masoquista: menos a vontade de reformar ou corrigir determinados vícios de organização política ou econômica que o puro gosto de sofrer, de ser vítima, ou de sacrificar-se.⁵⁷

E continua afirmando que :

... a tradição conservadora no Brasil sempre se tem sustentado do sadismo do mando, disfarçado em ‘princípio de autoridade’ ou ‘defesa da ordem’. Entre estas duas místicas – a da ordem e a da liberdade, a da autoridade e a da democracia – é que se vem equilibrando entre nós a vida política, precocemente saída do regime de senhores e escravos. Na verdade, *o equilíbrio continua a ser entre as realidades tradicionais e profundas; sádicas e masoquistas, senhores e escravos, doutores e analfabetos, indivíduos de cultura predominantemente européia e outros de cultura principalmente africana e ameríndia.* (o grifo é meu)E não sem certas vantagens: as de uma dualidade não de todo prejudicial à nossa cultura em formação, enriquecida de um lado pela espontaneidade, pelo frescor de imaginação e *emoção* (o grifo é meu)do grande número (...) Talvez em parte alguma se esteja verificando com igual liberalidade o encontro e até *fusão harmoniosa* (o grifo é meu)de tradições diversas (...) *o regime brasileiro é em vários sentidos sociais um dos mais democráticos, flexíveis e plásticos* (o grifo é meu).⁵⁸

⁵⁷ Gilberto FREYRE, *Casa Grande & Senzala.*, p.80-81.

⁵⁸ *Ibid.*, p.81-82.

Percebe-se que Freyre apóia o mandonismo, pois para ele as relações de sadismo-masquismo acontecem de forma harmoniosa em uma sociedade que ‘precocemente’ saiu do regime de senhores e escravos.

Desta forma, a ‘cordialidade’ para Freyre surge das relações de equilíbrio entre as realidades tradicionais e profundas, entre o sadismo e o masquismo, entre os senhores e os escravos; até porque a partir dessas relações é que surgem a espontaneidade, a imaginação e as emoções. Nestas relações harmoniosas o autoritarismo e as preferências pessoais reinam sobre o gozo do mando.

O mórbido deleite em *ser mau* com os inferiores e com os animais é bem nosso, afirma Freyre, é de todo o menino brasileiro atingido pela influência do sistema escravocrata.⁵⁹

Outra característica ressaltada por Freyre é a hibridez da formação da sociedade brasileira, que peculiarmente teria se constituído de forma harmoniosa em relação às raças, num ambiente de reciprocidade cultural benéfica que teria aproveitado os valores culturais dos envolvidos.⁶⁰

Nossas instituições sociais tanto quanto nossa cultura material deixaram-se alagar de influência ameríndia, como mais tarde da africana, da qual se contaminaria o próprio direito: não diretamente, mas sutil e indiretamente. Nossa ‘benignidade jurídica’ (...) certa suavidade brasileira na punição do crime de furto talvez reflita particular contemporização do europeu com o ameríndio, quase insensível à noção desse crime em virtude do regime comunista de sua vida e economia.⁶¹

Assim como Sérgio Buarque, Gilberto Freyre afirma que as relações que constituíram a colonização portuguesa não foram de racionalidade, mas impulsionadas pelas vontades particulares e pelo mérito pessoal. Enquanto Sérgio Buarque se utiliza da forma de ocupação geográfica (construção das cidades) para exemplificar o desleixo dos portugueses e o predomínio dos interesses pessoais na ordenação da ocupação; Freyre se utiliza da forma de ocupação sexual dos portugueses; ressaltando que o “ambiente em que começou a vida brasileira foi de quase intoxicação sexual. Os portugueses saltava em terra escorregando em índia nua”.⁶² Ambos autores voltam a concordar em relação à plasticidade dos portugueses, que sem nenhum orgulho de raça se entregaram aos prazeres.

⁵⁹ Gilberto FREYRE, *Casa Grande & Senzala*, p.425.

⁶⁰ *Ibid.*, p.88.

⁶¹ *Ibid.*, p.194

⁶² *Ibid.*, p.90.

Ainda sobre a colonização Gilberto Freyre afirma que mais do que em outra parte da América, foi aqui no Brasil que a colonização se processou de forma mais aristocrática, patriarcal e escravocrata.⁶³

Outra confluência entre Sérgio Buarque e Gilberto Freyre foi o estudo da linguagem que expressa o estabelecimento da intimidade nas relações.

Para Freyre foi principalmente a influência negra que trouxe essa afetividade e um caráter íntimo para a linguagem no Brasil. Segundo este autor a linguagem amoleceu ao contato da criança com a ama negra, a boca africana e o clima foram os principais amolecedores da língua brasileira.⁶⁴

O ‘doi’ dos grandes tornou-se ‘dodói’ dos meninos. Palavra muito mais dengosa. Daí esse português de menino (...) é uma das falas mais doces desse mundo. Sem rr nem ss; as sílabas finais moles; palavras que só faltam desmanchar-se na boca da gente (...) pipi, bumbum, tentém, nenem, tatá, papá, au-au, cocô, dindinho (...) os nomes próprios foram dos que mais se amaciaram, perdendo a solenidade, dissolveram-se deliciosamente na boca dos escravos. (...) e não só a língua infantil se abrandou desse jeito mas a linguagem em geral, a fala séria, solene, de gente grande, toda ela sofreu no Brasil...⁶⁵

O uso do pronome, analisado por João Ribeiro e também citado por Sérgio Buarque, demonstra esse ‘amolecimento’ da linguagem no Brasil, temos a possibilidade de usá-los de duas maneiras, como os próprios portugueses, de modo duro: diga-me, faça-me, espere-me; ou o modo doce tipicamente brasileiro: me diga, me faça, me espere, forma dengosa do filho de se dirigir ao pai, do escravo para com o senhor.⁶⁶

Desta forma, Gilberto Freyre é nostálgico, quer conservar a sociedade patriarcal, a miscigenação, a influência portuguesa, o mandonismo, o patriarcalismo, a forma dengosa da linguagem, o trato informal com as leis, os privilégios, o afetivo, o íntimo, a família, a religião humanizada, a hibridez na sociedade. Todas essas características são para Gilberto Freyre benéficas, a ‘cordialidade’ aparece como um bem de origem ao Brasil, a peculiaridade brasileira.

...

⁶³ Gilberto FREYRE, *Casa Grande & Senzala*, p.199.

⁶⁴ *Ibid.*, p.371.

⁶⁵ *Ibid.*, p.371-372.

⁶⁶ *Ibid.*, p.376-377.

CONCLUSÃO

Ao longo desta pequena monografia percorremos o campo intelectual em que Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre estavam envolvidos na produção das obras “*Raízes do Brasil*” e “*Casa Grande & Senzala*” que usamos como fonte para a descoberta e discussão do conceito de cordialidade. O passeio pelas obras em busca do conceito nos permitiu perceber que cordialidade envolve questões como a relação entre o público e o privado; Estado e a família; entre a pessoa e o indivíduo; entre o pessoal e o impessoal; entre a razão e a emoção; entre a lei e o jeitinho; e a existência e permanência do autoritarismo; caracterizando a busca de relações pessoais, do íntimo, do coração, do privado, do familiar, do personalismo, do mandonismo.

Existem muitas maneiras de se entender o conceito de cordialidade, mas o conceito discutido neste estudo restrito, determinado e temporal permeia uma discussão que envolve todas as interpretações deste conceito: a questão entre o público e o privado. Já que a cordialidade somente surge e pode ser percebida em uma sociedade em que não se tem bem definidos os campos da esfera pública e da esfera privada.

Claro está que Sérgio Buarque é ‘urbano’ e vislumbra o futuro do país; Gilberto Freyre é ‘rural’ e nostálgico pelo passado do país. Enquanto um ambiciona o fim do personalismo, do patriarcalismo; outro vê como solução para o país as relações personalistas e hierárquicas do patriarcalismo.

Desta forma ambos autores percebem a imbricada relação entre estas duas esferas, e a partir daí constroem suas obras. Mas contrários quanto ao papel da cordialidade na sociedade brasileira, essa predominância do privado sobre o público verificada em nossa sociedade não é vista com bons olhos por Sérgio Buarque, enquanto Gilberto Freyre valoriza essa característica de nossa sociedade como resultado de um regime patriarcal que lançou as bases de nossa sociedade.

Enquanto um constrói argumentos que comprovam o carisma do povo brasileiro pelo mandonismo e por chefes ditadores e carismáticos, outro é completamente contrário a essa idéia, entendendo que essas mesmas características prejudicam o desenvolvimento da democracia brasileira.

Da mesma forma que um valoriza a colonização portuguesa, outro vê nela toda herança que entrava a sociedade brasileira. Conclui-se que o sentido do conceito em Sérgio Buarque é de negatividade e lamentação, cordialidade é percebida como um entrave e que

deveria ser superada; enquanto para Gilberto Freyre o sentido do conceito é de positividade e exaltação, cordialidade é percebida como uma característica peculiar da sociedade brasileira e que deveria ser preservada.

O sentido do conceito de cordialidade nos dois autores caminha em direção contrária, mas na mesma estrada; como já foi dito no decorrer do estudo, na área teórico-metodológica se aproximam por utilizarem novas fontes e desenvolverem uma história desvinculada dos grandes fatos e dos grandes homens, inovam por discutirem novas temáticas, em desnudar as relações sociais que construíram o Brasil, por retornarem às raízes, por redescobrirem o Brasil. Identificam a cordialidade no brasileiro e partem de uma mesma idéia de cultura.

Se utilizam das mesmas categorias de análise, ambos abordam a família, os costumes, principalmente os costumes religiosos, a linguagem, as relações sociais e comerciais, a aplicabilidade da lei, a alimentação, o meio, as idéias, a forma de ocupação, as relações autoritárias; ou seja, se utilizam dos mesmos lugares comuns de interpretação, só se mostram contrários quanto ao papel da cordialidade.

Mas vale ressaltar que a idéia de cordialidade não é simples e nenhuma postura é rígida diante dela, ao afirmarmos que um autor a entende positivamente ou negativamente isso não significa que são extremos, ao contrário, são tendências. Como já afirmamos no decorrer da pesquisa, são as principais inclinações dos autores, não caracterizam olhares rígidos ou determinados, dentro de um campo de variações escolhemos os picos de suas posturas, mas ambos autores são intelectuais complexos para se colocar um ponto final em algum estudo sobre eles.

Percebemos que Sérgio Buarque de Holanda com o conceito de cordialidade estudando os entraves de um Estado democrático ainda se faz atual em nossa historiografia; e Gilberto Freyre também é foco de estudo e influências na historiografia mais recente.

Muitos autores trabalham com a questão do público e do privado e a relação tênue entre essas duas esferas na sociedade brasileira, daí surge a possibilidade de novas pesquisas. Ao desenvolver este estudo monográfico foram encontradas muitas outras possibilidades de análise, ao trilhar um caminho encontramos muitos outros convidativos, que em futuras pesquisas poderão ser percorridos. Por exemplo, o estudo da influência de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre em autores mais atuais, as permanências e rupturas do pensamento da década de 30 em autores da década de 80 e 90 que retomam a questão da cordialidade e da tênue relação entre o público e o privado.

A contribuição deste pequeno estudo poderá se tornar maior na medida em que o leitor, a partir da discussão deste conceito temporal e histórico, caminhar até a realidade e

estabelecer questionamentos quanto às implicações da cordialidade em nossa vida política, cultural e social em todo o decorrer de nossa história. Ou seja, o leitor estará municiado de mais um conceito, carregado de significados, para se voltar à realidade que salta aos nossos olhos.

Porque, afinal, forjada na impermanência, presa aos fluxos da vida social, virada e revirada, inventada e reinventada pelos remoinhos do tempo, a História pode iluminar, como um clarão emancipador, o Brasil do presente – que é onde toda vocação do historiador começa e para onde toda história deve retornar.¹

...

¹ Elias Thomé SALIBA In: José Geraldo Vinci de MORAES, José Marcio REGO, **Conversas com historiadores brasileiros**, p.11.

REFERÊNCIAS

FONTES

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933. 517p.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. 329p.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Antônia Alonso de. A problemática cultural brasileira. **Cadernos de Ciências Sociais**. Belo Horizonte. v.04. dez de 1994.

ANDRADE, Correia de. Gilberto Freyre e o impacto dos anos 30. **Revista USP**. São Paulo, n.38, 1998.

ARIES, Philippe, DUBY, GEORGES. **História da vida privada**: da primeira guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. v. 4. v.5.

ARRUDA, José Jobson, TANGARRINHA, José Manuel. **Historiografia luso-brasileira contemporânea**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

BRESCIANI, Stella. Identidades no Brasil do século XX. Fundamentos de um lugar-comum. **In: BRESCIANI, Stella, NAXARA, Márcia (orgs). Memórias e (res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: editora Unicamp, 2001.

BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira**: temas e situações. 2.ed. São Paulo: Ática, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspetiva, 1998.

CANDIDO, Antônio (org.) **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: fundação Perseu abramo, 1998.

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHAUI, Marilena. **Conformismo e Resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1996.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.

_____. **O que faz o Brasil, Brasil?** 11.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. **A casa & a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 6ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Presença, 1985.

_____. **Honra e Pátria**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? **História & Perspectivas**. Uberlândia. V.6. p. 05-23. Jan/Jun. 1992.

FREITAS, Marcos Cezar. **Historiografia Brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1990.

GOMES, Ângela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando A. (org.) **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das letras, 1998. v.4, 2002.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia**. 4.ed. São Paulo: Pioneira, 1983.

MORAES, José Geraldo Vinci de, REGO José Marcio. **Conversas com Historiadores Brasileiros**. São Paulo: ed.34, 2002.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira: 1933-1974**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1978.

_____. **Viagem incompleta: a experiência brasileira**. São Paulo: editora Senac, 2000.

PINTO, Manuel da Costa. Um intérprete modernista do Brasil. **Revista CULT**, São Paulo, n.58, 2002.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Vanhargem a FHC**. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

RIBEIRO, Luiz Carlos. **Identidade nacional: uma questão de cultura e de poder**. In: Encontro da linha de pesquisa Cultura e Poder. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2003.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Literatura e Cordialidade: o público e o privado na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SOUZA, Jessé. **A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro**. Brasília: UNB.